

A importância da Gramática na oralidade e na aprendizagem do Português como Língua Estrangeira

Yanyan Zhu

**Dissertação de Mestrado em Português como Língua Segunda
e Estrangeira**

Agradecimentos

O início de 2020 não foi apenas o início de uma catástrofe na China, mas também o começo de uma luta coletiva contra um inimigo invisível por todo o mundo, uma pandemia que nos encheu de receios e dúvidas. Nesse período difícil, a escolha de uma nova vida e de um novo ambiente de aprendizagem foi também para mim uma viragem significativa no meu percurso.

Esse percurso que, em circunstâncias ditas normais seria sempre desafiador pelas exigências próprias da adaptação a um novo país e a uma cultura distinta, tornou-se à partida ainda mais sinuoso pelas restrições e dificuldades criadas pela crise sanitária. No entanto, o caminho, que inicialmente parecia íngreme, tornou-se uma estrada cómoda de descobertas construtivas, e os obstáculos que se afiguravam quase como intransponíveis tornaram-se oportunidades incríveis para aprender e me tentar superar. Nada disso seria, contudo, possível se tivesse caminhado sozinha, pelo que deixo aqui o meu reconhecimento a todos aqueles que ao longo destes dois anos me têm apoiado.

Assim, em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora de dissertação, que nunca faltou a uma aula presencial, mesmo quando a pandemia de Covid-19 se agravava. Quando, por causa da minha confusão académica, lhe pedia ajuda, sempre recebia de volta a resposta mais calorosa. Estou-lhe, portanto, grata pela sua dedicação ao ensino, pelo seu gentil encorajamento e pela paciência que demonstrou ao lidar com uma estudante de português do segundo ano. O sorriso que se curvava para os cantos dos seus olhos era a luz mais bela que já vi em Portugal...

Depois, gostaria de agradecer aos meus pais pelo seu apoio e incentivo, pelo amor desinteressado e cuidado com que lidaram comigo mesmo na minha idade mais confusa, e, em especial, por me terem dado a coragem para perseguir os meus sonhos sem falhas nem hesitações. Finalmente, gostaria de agradecer a mim própria por nunca ter desistido dos meus estudos e por ter conseguido afastar-me da China para iniciar os meus estudos em Portugal, apesar da situação difícil.

Resumo

Palavras-chave: ensino da gramática, oralidade, PLE, método pedagógico explícito e implícito, ensino cooperativo.

Para se fazer um adequado uso e se alcançar uma correta compreensão da língua portuguesa é essencial dominar bem as regras da gramática, não só em texto escrito mas também na oralidade. Por isso, nesta dissertação, analisar-se-á a função estrutural da gramática em especial na aplicação oral da língua e que métodos os professores podem adotar para a ensinarem aos estudantes, sem estes acharem isso, como acontece muitas vezes, algo entediante e insípido.

Assim, na primeira parte, clarificar-se-á o contexto e o conceito de gramática portuguesa. De seguida, na segunda parte, irá analisar-se o papel que a gramática desempenha no domínio da expressão oral, um dos eixos fundamentais da nossa aprendizagem do português. A fim de promover a inovação no ensino e na aprendizagem, e para aprofundar o desenvolvimento e a divulgação do português, precisamos de estudar, analisar e encontrar melhores formas de ensino da gramática, formas que sejam mais práticas e que estejam de acordo com o contexto do ensino, mas também com a vida real. Por isso, finalmente, na terceira parte, irá apresentar-se os resultados de alguns questionários realizados em aulas de português, para procurar os melhores métodos de ensino da gramática. Vai-se ainda examinar um dos manuais mais usados no ensino da língua portuguesa na China.

Analisando os resultados, poderemos reconhecer o papel absolutamente fundamental que a gramática desempenha no processo de comunicação linguística, enquanto garantia de uma correta e compreensível expressão de ideias e de um uso adequado da língua.

Abstract

Keywords: grammar teaching, orality, PLE, explicit and implicit pedagogical method, cooperative teaching.

In order to make proper use and to achieve a correct understanding of the Portuguese language, it is essential to master the rules of grammar well, not only in written text, but also orally. In this dissertation, I will analyze the structural function of grammar in the oral application of language and what methods teachers can adopt to teach it to students, without the latter finding it, as it often happens, something boring and insipid.

Thus, in the first part, I will clarify the context and the concept of Portuguese grammar.

Then, we will analyze the role that grammar plays in the domain of oral expression, one of the fundamental axes of our Portuguese learning.

To promote innovation in teaching and learning, and to further the development and dissemination of Portuguese, we need to study, analyze, and find better ways of teaching grammar, ways that are more practical and ways that are more practical and that are inspired by the teaching context and real life. So, finally, in the third part, I will carry out some questionnaires in Portuguese classes to look for the best methods of teaching grammar and I will assay one of the most used textbooks in teaching Portuguese in China.

By analyzing the results, we will be able to recognize the extremely key role that grammar plays in the process of linguistic communication, as a guarantee for a correct and comprehensible expression of ideas and an adequate use of the language.

Índice

Introdução	8
1. Significado do tópico de seleção e método de estudo	10
1.1 Significado do tópico de seleção	10
1.2 Método do estudo	11
2. A importância do ensino de português como língua estrangeira (PLE) na China	13
3. Fundamentações Teóricas - Competências orais em língua estrangeira	17
3.1 O que é a língua?	17
3.2 O que é a gramática?	22
3.2.1 A gramática é conhecimento linguístico	23
3.2.2 A gramática é competência linguística	25
3.2.3 Gramática pedagógica (GP)	28
4. A importância da gramática na oralidade e na aprendizagem do Português como língua estrangeira	31
4.1 Apresentação do público-alvo dos questionários	31
4.2 A análise do resultado do inquérito	32
4.2.1 Questionário para os alunos da língua portuguesa	32
4.2.2 Questionário para os professores	36
4.3 A importância da gramática – Análise dos resultados	38
5. Ensino de gramática	46

5.1 Ensino de gramática da língua portuguesa na China	46
5.1.1 Os métodos de ensino da gramática da Língua portuguesa na sala de aula chinesa	47
5.1.1.1. Método explícito de ensino com recurso a manuais didáticos como “Português para Ensino Universitário (PEU)”	52
5.1.1.2. Método Explícito: enriquecimento com a exploração de situações de comunicação reais e próximas dos alunos	58
5.1.2 Método Tradução-Gramática	60
Conclusão	63
Referências Bibliográficas	65
ANEXOS	71

Lista de abreviaturas

LE- Língua Estrangeira

LP – Língua Portuguesa

PLE- Português como Língua Estrangeira

PEU- Português para Ensino Universitário (Manual Didático)

Introdução

Uma disciplina, a Gramática, encarrega-se de definir o correto e o incorreto no uso da língua, prescrevendo, em consequência, determinadas construções e estigmatizando outras. Além disso, há a crença na chancela do autor consagrada, cuja opinião legítima e válida o *bon usage*. Esta crença, em resumo, concebe a regra gramatical como um preceito com força de lei e é ela que está na base do que Besse (1994) denomina de concepção jurídica da regra gramatical, visto que “a regra gramatical é, na ordem linguística, o equivalente da lei ou do mandamento, na ordem social, moral ou religiosa” (Ferreira H.L.B. 2001, 19).

Como o autor cita, a vida social exige leis e regras para regular a ordem, e da mesma forma, o desenvolvimento e aplicação prática de uma língua exige regras para a regular, pelo que a gramática é essencial para a aprendizagem e utilização da língua. Assim, o objetivo desta tese é identificar que tipo de função a gramática assume na oralidade da língua portuguesa. Para o atingir, utilizei o questionário a cem pessoas como forma de indagação e investigação. O questionário foi dirigido na sua maioria aos estudantes chineses da língua portuguesa, embora também tenha contado a participação de falantes nativos, portugueses e angolanos, principalmente, porque o ponto de partida desta tese foi a necessidade de ajudar os estudantes chineses de português a reconhecer a importância da gramática na oralidade e de os motivar a estudar gramática a sério.

Canale e Swain também referiram a importância da gramática na comunicação real da língua: “a competência comunicativa é constituída pela competência gramatical, pela competência sociolinguística e, enfim, pela competência estratégica. A competência gramatical compreende o conhecimento fonológico, morfológico, sintático, lexical e semântico” (Canale, M. e Swain, M, 1980). Os conhecimentos

anteriormente mencionados como “fonológico, morfológico, sintático, lexical e semântico” envolvem o ensino de gramática. Assim, nesta tese, depois de reconhecer e estabelecer a importância da gramática, eu também gostaria de analisar e estudar os métodos de ensino desta, o que, na sala de aula, é uma questão importante para todos os que desejam ensinar português como língua estrangeira.

De acordo com Ferreira, a gramática pode ser ensinada tanto de forma explícita como implícita: “enquanto aspeto relacionado à face do ensino, a dimensão explícito-implícito pode ocupar-se, certamente, dos vários níveis que estruturam as línguas naturais, a fonologia, a morfologia, a sintaxe, o léxico” (2001, 27). Assim, nesta tese centro a minha análise nas formas explícitas e implícitas de ensino da gramática na sala de aula. Para este centro principal de análise, gostaria de utilizar entrevistas a professores e estudantes de língua portuguesa, respetivamente os implementadores e destinatários destas duas abordagens pedagógicas, para realizar um levantamento das vantagens e desvantagens delas e da melhor forma de as utilizar e divulgar para atingir o melhor resultado do ensino gramatical.

Finalmente, os resultados dos dois tipos de investigação concebidos para compreender o papel da gramática na comunicação linguística prática e a análise dos métodos de ensino dela ajudarão os professores de língua portuguesa a desenvolver o ensino da gramática na sala de aula de uma melhor forma e de uma maneira mais fácil de alcançar os objetivos da aprendizagem.

1. Significado do tópico de seleção e método de estudo

1.1 Significado do tópico de seleção

Porque é que escolhi uma licenciatura e um mestrado, Português Como Língua Estrangeira ou Segunda (PLE), relacionados com o português e o seu ensino? Num sentido objetivo, segundo Siwen Luo analisou na tese dela, “a língua portuguesa é um dos mais importantes idiomas do mundo (Lessa, 2010). Possui mais de 230 milhões de falantes, o que faz desta a terceira língua mais falada no universo linguístico ocidental, ficando apenas atrás do inglês e do espanhol. É um importante veículo de comunicação para os povos que integram a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa” (2020, 15). Como o intercâmbio e a colaboração internacional entre a China e Portugal continuam a aprofundar-se, cada vez mais chineses estão a entrar em contacto e a aprender português. Num sentido pessoal e subjetivo, gosto de Portugal e da língua portuguesa, sentindo por eles um sentimento especial que não pode ser expresso em palavras.

Depois de quatro anos de aprendizagem da língua portuguesa, quero ser uma professora do português, porque para além do meu amor pela língua em si e do meu desejo de desenvolvê-lo, não há professores suficientes na China com o profissionalismo e os conhecimentos necessários para satisfazer as necessidades dos estudantes portugueses, o que também é outro importante motivo para o meu estudo da língua.

A gramática, tanto para estudantes como para professores, é uma parte integrante do processo de aprendizagem/ensino. Como escreveu Ferreira, “pode-se dizer que a questão do ensino/aprendizagem da gramática é uma das questões fundadoras de toda

a reflexão sobre o ensino/aprendizagem de Língua Estrangeira (LE)” (Ferreira H.L.B. 2001, 51). Com base nesta importância, nesta tese analisa-se se a gramática também desempenha um papel importante na comunicação oral e, através de entrevistas com professores e atividades de participação na sala de aula, investiga-se a forma como a gramática é ensinada em contexto prático, para que os professores de português possam utilizar uma abordagem mais acessível na aprendizagem desta disciplina linguística, a fim de promover um uso mais correto do idioma.

1.2 Método do estudo

a) Análise de referências bibliográficas

O primeiro passo foi ler e analisar os livros e publicações relevantes recolhidos de websites e bibliotecas, tais como os Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal (RCAAP) e *netbiblioteca* da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova (FCSH), para suportar a teoria do meu estudo.

b) Questionário a Alunos de Língua Portuguesa.

Para além de analisar as mencionadas referências bibliográficas, elaborei um questionário para cem falantes nativos e aprendizes de português, a fim de descobrir se a gramática também desempenha um papel importante na comunicação da vida real. Também perguntei a estas pessoas sobre a forma como a gramática é ensinada na sala de aula e que métodos consideram ser mais acessíveis para eles e para os ajudar a aprender melhor as regras do uso da língua.

Uma vez disponíveis os resultados do questionário, estes foram analisados, estudados, e combinados com as informações recolhidas das referências bibliográficas encontradas para obter algum grau de conclusão.

c) Questionários a Professores de PLE

Estes questionários tiveram como principal objetivo identificar os métodos de ensino da gramática que os professores escolhem, bem como a avaliação que os docentes fazem deles. As expressões dos professores contribuíram ainda para se ver o valor que estes atribuem à gramática no ensino de uma Língua Estrangeira (LE).

2. A importância do ensino de português como língua estrangeira (PLE) na China

Com a aceleração do processo de globalização, estreitou-se a interação e a cooperação entre a China e os países lusófonos, o que aumentou a procura de falantes da língua portuguesa na China. “À medida que a China aprofunda o intercâmbio e a relação com os países lusófonos, torna-se cada vez mais útil a aprendizagem da língua portuguesa, facto que faz com que esta seja muitas vezes chamada “língua de ouro” (Siwen Luo, 2020, 17). Mais de quarenta universidades na China, incluindo 25 universidades públicas, abriram cursos de português para atender às exigências do mercado, não incluindo as universidades que oferecem a língua portuguesa como disciplina opcional, nem os muitos institutos de ensino não formal que estabeleceram os cursos de Língua Portuguesa para oferecer a oportunidades de aprender àqueles que disso necessitam, sem serem alunos escolares.

Tabela 1 – Distribuição de universidades que oferecem o curso de língua portuguesa por
província/município

Província/Município	Número de Universidades
Macau	4
Pequim	10
Xangai	1
Tian Jin	2
He Bei	3

Liao Ning	1
Ji Lin	1
Hei Long Jiang	2
Guang Dong	4
Fu Jian	1
Chong Qing	1
Si Chuan	1
Shan Xi	1
Zhe Jiang	2
Hu Bei	1
Hu Nan	1
Gan Su	1
Jiang Xi	1
Hai Nan	1
Shan Dong	2

De facto, como Jiang Cheng escreveu, “diferente ao ensino universitário, o ensino de instituição de formação é um produto do desenvolvimento da sociedade” (2019, 15). A cooperação e o intercâmbio entre a China e os países lusófonos é cada vez mais generalizada e exige a integração de diferentes especialistas de várias indústrias nas equipas de trabalho que atuam nos países da Língua Portuguesa, o que por sua vez

também exige que estes profissionais tenham um bom domínio do português. Assim, para além dos tradutores profissionais portugueses formados pelas universidades, outras pessoas que já estão envolvidas no trabalho no terreno, também precisam de ter algum domínio do português, pelo que foram criadas instituições de formação portuguesas na China.

Tabela 2: Os principais institutos da formação da língua portuguesa não escolares

Nome	KangQiao	Ouna	Yuquan	Belem
Cidade	Xian	Xangai	Hangzhou	Dalian
Número de estudantes	45	20	52	30
Número de professor chinês	2	1	3	1
Números de leitor	1	1	2	1

Para além das instituições de formação na tabela, existem também muitas instituições de ensino *online* de português, o que mostra a ampla difusão e desenvolvimento da língua na China, e é um efeito secundário da elevada procura do português lá. Isto leva-nos, portanto, à questão relacionada com esta tese, nomeadamente a necessidade de aperfeiçoar o ensino/aprendizagem do português na China.

“O objetivo da formação do curso é: treinar especialistas profissionais com uma base sólida e capacidades fortes na aplicação prática da língua portuguesa, para os alunos dominarem conhecimentos básicos de cultura e língua portuguesas de forma sistemática, através de quatro anos de aprendizagem, e serem capazes de trabalhar em tradução, investigação, ensino, gestão em campos como imprensa, cultura, educação, comércio exterior, diplomacia, entre outros” (Jiang, C. 2019, 33). Podemos ver pela descrição deste autor que a competência prática em português é um dos objetivos

importantes do ensino. Rajagopalan (2003) também referiu que “o verdadeiro propósito do ensino de línguas estrangeiras é formar indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras culturas e modos de pensar e agir. Significa transformar-se em cidadãos do mundo” (p.70). O enfoque nas competências de aplicação prática no ensino do português como língua estrangeira na China é também algo que sempre promovemos.

3. Fundamentações Teóricas - Competências orais em língua estrangeira

3.1 O que é a língua?

Para se entender a importância que a gramática desempenha no domínio das competências orais de um idioma, é necessário explicitar primeiro o conceito de “língua”. O que é a língua?

Uma característica do ser humano é a sua necessidade de se comunicar com os outros semelhantes, sendo para isso indispensável comunicar.

A comunicação é possível pelo uso da linguagem. Esta é entendida como “todo o sistema de sinais que serve de comunicação entre seres humanos, quer entre animais (exemplo: linguagem das abelhas), quer entre máquinas (exemplo: linguagem dos computadores).” (Amorim & Sousa, 2014, 10).

Na realidade, “desde que se atribua valor convencional a determinado sinal, existe uma linguagem” (Cunha & Sintra, 1984, 1), havendo, portanto, comunicação. A linguagem é a forma como os seres humanos comunicam.

Há dois grandes tipos de linguagem: a não verbal, quando se pretende ou quando é necessário comunicar sem o uso de palavras, podendo ser concretizada através de sons, como o alarme de incêndios, de gestos, como o acenar, e de cores como nos semáforos; a verbal que se materializa no ato da fala, através do recurso a um sistema de sinais convencionais organizados gramaticalmente.

É neste último âmbito que surge a língua e a importância da gramática, uma vez que a língua é o código utilizado por cada comunidade linguística para haver comunicação verbal. Tatiana Slama-Casacu (1961), citada por Celso Cunha e Lindley

Cintra (1984) explica a relação entre a linguagem e a língua: “A língua é a criação, mas também o fundamento da linguagem – que não poderia funcionar sem ela-; é simultaneamente, o instrumento e o resultado da atividade de comunicação. Por outro lado, a linguagem não pode existir, manifestar-se e desenvolver-se a não ser pelo aprendizado e pela utilização de uma língua qualquer.”

Assim, de acordo com a citação de Saussure feita por Maria Ivo (2010), considera-se “a língua um produto social que é utilizado pelo sujeito falante, enquanto a fala é um ato individual que resulta da vontade e da inteligência humana. Trata-se de um objeto de natureza concreta através do qual o sujeito falante usa os códigos da língua.”

Língua é também definida na *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2015) de Celso Cunha e Lindley Cintra como “Sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão de consciência de uma coletividade, a língua é o meio porque ela concebe o mundo que a cerca e sobre ele age. Utilização social da faculdade de linguagem, criação da sociedade, não pode ser imutável; ao contrário, tem de viver em perpétua evolução, paralela à do organismo social que a criou.”

A *Gramática de Língua Portuguesa* (2014) de Clara Amorim e Catarina Sousa, com supervisão científica de Mário Vilela, também refere: “o código utilizado por cada comunidade linguística é a sua língua. A língua é um sistema de signos linguísticos que pode ser atualizado por meio da fala ou da escrita”.

Maria Ivo (2010) acrescenta ainda que “a língua é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir aos indivíduos o exercício desta faculdade». A língua, surge, assim, como o único objeto de estudo da Linguística.

De acordo com o *Manual de Linguística e de Ferramentas de Comunicação Linguística* publicada pela Alemanha, existem 5651 línguas identificadas no mundo.

A língua é, portanto, o comando utilizado pelos humanos para comunicar e as pessoas adquirem a capacidade da língua através da aprendizagem, a fim de partilhar ideias, pensamentos, opiniões.

Lucas Miquelon (2021) acrescenta: “A língua pensada enquanto sistema parte, inicialmente, das contribuições de Ferdinand Saussure, considerado por muitos como o pai da Linguística ao, de certa forma, trazer o estatuto de ciência à disciplina. Dentro dessa perspectiva, a língua é entendida como um sistema já estruturado que é formado por outros subsistemas que a constituem, tais quais o fonológico, o semântico e o sintático. Como Kumaravadivelu (2006) explica, o usuário passa a se utilizar de combinações de fonemas para formar palavras, que formam frases, que formam orações que, por sua vez, formam textos orais ou escritos.” (p.5)

Segundo esta ideia, a fonologia, o vocabulário e a gramática são elementos essenciais para o domínio de uma língua. O *Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas* (QECR) confirma esse ponto de vista por referir: “a competência linguística inclui os conhecimentos e as capacidades lexicais, fonológicas e sintáticas” (2001, 34).

Expressões da língua são as formas em que as pessoas a usam. Há duas formas principais de usar a linguagem, o comportamento físico humano e as palavras.

O comportamento físico humano é a principal forma em que as pessoas utilizam a língua. Sons orais, gestos e expressões são a encarnação do comportamento físico humano. A exposição oral é a forma mais significativa em que os seres humanos utilizam o comportamento para comunicar verbalmente.

António Silva (2016) afirma: “A imagem que devemos ter de uma língua é a sua funcionalidade, ou seja, ela existe porque funciona e a partir do momento em que deixe de o fazer cristaliza e morre porque deixou de desempenhar a função para que foi criada: a comunicação. (...) “. A função comunicativa da língua é um elemento essencial e importante da sua existência, também é a maior distinção entre os seres

humanos e os animais. A função comunicativa da língua é um elo importante entre os membros da sociedade, sem o qual a comunicação humana se tornaria miserável, ao mesmo tempo, a mais básica das funções comunicativas da língua é a capacidade de “oralidade”.

Ana Catariana Boto (2016) também referiu que “as concepções mais comuns de linguagem verbal confluem para uma tripartição entre a ideia de uma linguagem como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como processo de interação (Travaglia, 2007, 76)” (p.5)

A forma mais direta de expressar o que as pessoas pensam e sentem é através da linguagem falada, que é um importante meio de comunicação.

Siwen Luo (2020) mencionou que a oralidade influencia diretamente a comunicação. É também uma capacidade básica de uma língua, bem como um elemento importante que influencia a capacidade geral dos estudantes.

Segundo, o Dicionário da Porto Editora (2021), a oralidade significa “qualidade daquilo que é falado; exposição oral; uso de processos orais”.

Assim, o domínio de uma língua não é apenas escrito; as expressões faladas no dia-a-dia são também uma referência importante para o domínio de uma língua. “Schulz e Azevedo (2016) destacam que o aprender na língua nativa, bem como, em uma segunda língua, só ocorre em estados de estímulo da prática de comunicação oral e escrita. Nas palavras de Lima, Souza e Luquetti (2014), em um mundo globalizado, a comunicação é um processo de extrema importância, uma vez que indivíduos que residem em lugares distintos e falam diferentes línguas têm a necessidade de comunicar-se”. (Martins *et al*, 2020, 15)

Numa era de rápido desenvolvimento tecnológico, a escrita pode ser substituída por computadores, mas a exposição oral dos seres humanos não pode ser substituída,

e ainda precisamos de expressar ou transmitir as nossas instruções e ideias através da oralidade.

Portanto, como Alexandra Ferreira e Fátima Silva (2018) referiram, “a competência oral assume, por conseguinte, particular importância, por exemplo, no âmbito do desenvolvimento de uma relação pessoal e profissional, que exige frequentemente o recurso ao contacto direto através da oralidade, implicando conhecimentos que implicam mais do que o domínio do léxico, da gramática e da pronúncia (competência linguística)” (p.60)

Assim se esclarece não só o conceito de língua, mas também as formas em que esta se materializa e como ela se estrutura. Convém agora explicar os conceitos “língua materna ou nativa” e “língua estrangeira”, uma vez que estes conceitos são centrais neste estudo.

“No contexto de aprendizagem de línguas podemos distinguir, pois, a aprendizagem formal da língua materna e a aprendizagem de outras línguas, que designaremos línguas não maternas. Esta última designação é a mais abrangente, contemplando diferentes tipos de situações de aquisição ou aprendizagem de línguas não maternas, tais como a língua segunda (L2) ou a língua estrangeira (LE). A L2 corresponde a uma língua à qual o falante está (ou esteve) exposto e que, por imersão linguística, adquiriu; a LE, pelo contexto e finalidade de ensino que a motivam, corresponde a uma língua aprendida em contexto de ensino formal (cf., por exemplo, Leffa, 1988, 213). O termo ‘língua não materna’ aparece frequentemente associado, mas não exclusivamente, também à língua que, sendo aprendida no contexto de uma LE, partilha das motivações, grau de imersão e finalidades de uma L2 (Leiria, Queiroga, M. & Soares, N., 2005, 5-6)” (Boto, 2016, 9).

Na China, quanto à aprendizagem de línguas não maternas, a maioria das crianças é normalmente introduzida no ensino do inglês a partir dos quatro anos de idade. A aprendizagem do inglês é agora obrigatória a partir da escola primária, enquanto a

aprendizagem do português começa principalmente na universidade e por escolha individual, pelo que temos o português como língua estrangeira para os estudantes chineses.

Este trabalho concentra-se, por isso, nas funções desempenhadas pela gramática na aprendizagem e prática da oralidade da língua portuguesa, na perspetiva dos aprendizes não nativos, tais como os alunos chineses, e nas melhores formas pelas quais os professores podem ajudar os estudantes na aquisição da gramática portuguesa na sala de aula chinesa.

3.2 O que é a gramática?

De acordo com Ferreira, a gramática é entendida como um conjunto de regras para bem falar e bem escrever (2001, 152). Definições semelhantes, de acordo com Terra (2008) correspondem ao conjunto de regras que determinam o que é correto da língua escrita e falada. Desta forma, a gramática é um conjunto de regras, uma ferramenta, que regula o uso da linguagem. Portanto, sem um conjunto de regras podemos expressar bem o que queremos transmitir às outras pessoas? E na exposição oral sem as regras de gramática, ouvintes podem compreender realmente o que queremos falar? E podem compreender bem o assunto expressado por nós? Então, “esta conceção de gramática, em Duarte (2000, 41) estará abrangida pela visão de gramática como instrumento de regulamentação do comportamento linguístico e, em Possenti (2000, 62), compreende o conjunto de regras que devem ser seguidas no uso da língua, não só mobiliza um modelo tradicional de gramática, como um tipo de descrição normativo/prescritivo” (Silva, 2006, 141) (Boto Ana C. F. 2016, 5).

A questão de saber se a gramática desempenha um papel importante no uso falado do português pode ser analisada através de um questionário que foi administrado a uma centena de aprendizes de português. Na próxima secção analisarei e organizarei

os resultados do questionário de modo a ilustrar melhor a importância que os estudantes de português atribuem à gramática na sua prática oral.

Segundo Athany Gutierrez e Felipe Flores Kupske, pode-se considerar três acepções distintas para o termo gramática: (i) uma vinculada à capacidade inata para a linguagem; (ii) uma de cunho metalinguístico, em que se fala sobre a língua, a partir de suas regras de produção; e (iii) outra relacionada ao ensino de línguas, de caráter disciplinar (Athany Gutierrez, & Felipe Flores Kupske. 2018, 68). Vemos que a mesma palavra pode ser entendida por meio de perspectivas (i) conhecimento linguístico, (ii) capacidade linguística e (iii) pedagógicas. Nas partes seguintes, vou analisar estes três aspectos do que é a gramática.

3.2.1 A gramática é conhecimento linguístico

Segundo Ana Silva, “a gramática já não se pode assumir apenas como um conjunto de regras ou organização interna de uma dada língua natural, mas antes como o conhecimento – ensinável - dessa organização” (Silva, 2006: 50). A este respeito, muitas escolas também oferecem a gramática portuguesa como disciplina separada, tornando o estudo da gramática uma forma fundamental de interiorizar o nosso conhecimento da língua. Como sustenta Costa (2009, 40): “(...) levar os nossos alunos a aperceberem-se de que a gramática tem um conjunto de propriedades fascinantes, que tornam a linguagem humana um objeto de estudo admirável, implica o abandono de práticas que esgotem o estudo da gramática num trabalho enfadonho de listagens taxionómicas” (Silva, A. C., 2016, 139). Ao reconhecer o valor da gramática e ao vê-la como uma forma de conhecimento linguístico, nós aprendentes seremos capazes de adquirir ou aprender gramática quando e onde quer que ela seja de interesse e preocupação, seja na leitura, na escrita ou na comunicação quotidiana.

“Foi a revolução cognitiva¹ de Chomsky (2015 [1957], 1975 [1965]) que, partindo dos preceitos expostos, de base filosófica racionalista², alterou os rumos da linguística do século XX, cujo caráter puramente estrutural e descritivo passou a buscar uma compreensão orgânica da aquisição e do processamento das línguas naturais: a gramática de uma dada língua deve mostrar como essas estruturas abstratas são concretizadas no caso dessa língua, ao passo que a teoria linguística deve esclarecer esses fundamentos da descrição gramatical e os métodos para avaliar e escolher entre gramáticas propostas” (Chomsky, 2015 [1957], p. 150) (Athany Gutierrez, & Felipe Flores Kupske. 2018, 68).

Nesta perspectiva, a gramática é um conhecimento intuitivo que um orador tem da sua língua. É um mecanismo interno que está naturalmente à disposição de todas as pessoas e é universal. É aquilo a que Chomsky chama competência, um sistema de regras ou restrições disponíveis na mente/cérebro que governa a língua e não faz qualquer diferença para o nível de educação do orador. Desta forma, podemos também ver a gramática como uma competência linguística, que pode ser adquirida através do mecanismo da linguagem inata humana ou através da aprendizagem e formação adquiridas.

De acordo com a citação feita por Silva da autora Reis, a definição do domínio da gramática é o do “conhecimento explícito da língua” como a “capacidade para sistematizar unidades, regras e processos gramaticais do idioma” (Reis, 2009, 16)

¹ De acordo com França, Ferrari e Maia (2016, 42-43), o marco da revolução cognitiva deu-se em 11 de setembro de 1956 em um Simpósio sobre Teoria da Informação realizado no MIT. “Nesse evento, Chomsky, Miller, Minsky, Newel e Simon apresentaram trabalhos e surpreenderam a todos pelo íntimo diálogo interdisciplinar que seus objetos de estudo ensejavam. A reunião prenunciava um momento de forte desenvolvimento para os estudos da mente e do cérebro.”.

² O racionalismo crê que a estrutura cognitiva é dada ao ser humano, é inata; “consiste em um conjunto de propostas - um procedimento, uma estratégia ou uma metodologia - para estudar a mente humana e a linguagem de maneira particular” (Chomsky, 2014, p. 17). Opõe-se ao empirismo, que afirma que a cognição é formada através da experiência e que todos os conhecimentos são compartilhados.

(Silva, A. C., 2016, 145), a qual está ao serviço dos processos linguísticos de controlo da compreensão e da expressão oral e escrita. A definição considerada é a que «quer apresentar o que conhecemos como sujeito, objeto direto, objeto indireto, atributo, predicativo, complemento circunstancial e suplemento, isto é as funções sintáticas, como classes de elementos que, ao nível da frase ou oração, estabelecem uma relação de determinação ou subordinação com o verbo, que é o elemento nuclear ou determinado da unidade e análise (...) Cada verbo possui uma “valência” que se atualiza em determinadas situações comunicativas, estes elementos exigidos pelo verbo são os chamados argumentos. O suplemento é uma função argumental de determinados verbos, enquanto o complemento circunstancial é uma função não argumental»” (Ivo Maria J.M.D., 2010, 98). Esta autora, que fez a gramática que temos vindo a discutir concretamente até aos detalhes do seu conteúdo, sabe que a gramática não é um conceito vago, não um edifício sem estrutura, mas um todo composto por todas as suas partes.

3.2.2 A gramática é competência linguística

Segundo Perrenoud, a competência é a “faculdade de mobilizar saberes, capacidades, informações para solucionar uma série de situações” (1999. P30).

Sendo a gramática um “saber” ou conhecimento linguístico como exposto anteriormente, torna-se também uma competência sempre que alguém, além de assimilar esse referido conjunto de informações, também o mobiliza para a correta prática linguística.

Também Chomsky chama à competência gramatical um sistema de regras ou restrições disponíveis na mente/cérebro que governa a língua e não faz qualquer diferença para o nível de educação do orador-coração. Desta forma, pode-se, pois, ver a gramática como uma competência linguística, que pode ser adquirida através do

mecanismo da linguagem natural humana ou através da aprendizagem e formação adquiridas. Por exemplo, as crianças podem expressar-se plenamente e comunicar com aqueles que as rodeiam diariamente sem terem sido formadas no conhecimento da língua na escola, já que certas regras gramaticais estão incluídas na sua produção linguística de forma natural e espontânea.

Elas podem expressar-se plenamente, construindo frases completas, com construções corretas, com predicado e a necessária estrutura de complementos nos enunciados que produzem, tanto a nível contextual como gramatical, sem nunca terem frequentado a escola, visto que “a gramática é um instrumento de uso quotidiano, mesmo que nem todos estejamos conscientes disso. Porém, todos reconhecemos que “saber gramática” é uma condição indispensável para uma comunicação eficaz, seja oral, seja escrita. O uso correto da língua em contexto, isto é, a sua “aplicabilidade”, quer formal, quer informal e a adequação discursiva, determinam a eficiência e o sucesso individual (escolar, social, profissional ...) de qualquer falante” (Ivo Maria J.M.D. 2010, 69).

De facto, o exemplo das crianças que desde que nascem vão aprendendo a sua língua nativa, permite perceber que a gramática é uma capacidade linguística que todos desenvolvemos como falantes dessa língua. Tal como referiram Athany Gutierrez e Felipe Flores Kupske, “sendo a língua um sistema de base biológica, os gerativistas partem do pressuposto de que grande parte do conteúdo da mente humana é predisposto com o nascimento, incluindo-se a gramática (2018, 70). Mas esta capacidade baseia-se no nosso contexto de vida e na constante introdução de informação auditiva, e só depois de termos uma certa acumulação na nossa mente é que teremos uma produção linguística completa e uma gramatical correta.

Assim, as competências linguísticas e gramaticais existem antes do estabelecimento dos nossos conhecimentos formais escolares. Como foi dito anteriormente, a língua é a nossa capacidade natural, deste modo, a gramática é a

capacidade linguística que construímos através da assimilação e inculcação do nosso ambiente, o que leva ao aperfeiçoamento da nossa expressão da língua. Isso acontece ou fica evidente de forma mais clara quando pensamos no processo de aprendizagem da nossa língua nativa, mas também acontece quando alguém aprende uma segunda língua só pela prática do dia-a-dia, sem qualquer ensino formal. Essa pessoa vai escutando os nativos e vai tentando imitar os discursos que estes produzem consoante as situações que se lhe apresentam e as necessidades que vão surgindo, e nesse processo de audição-reprodução inconscientemente também vai assimilando as regras da gramática. No entanto, para se alcançar um domínio mais completo, adequado e correto da língua estrangeira é necessária uma aprendizagem mais consistente e sistemática da gramática, para além da aprendizagem implícita. No caso dos falantes nativos, também eles terão a sua produção oral e escrita aperfeiçoadas pela aprendizagem consciente das regras que estruturam a sua língua. Ou seja, para a pessoa dominar corretamente uma língua, seja ela nativa, ou estrangeira, tem primeiro de conhecer, implícita ou explicitamente, as regras do funcionamento da língua.

Por isso, a citação de Ferreira proveniente de *O Método Cognitivo do Código* propõe que a consciência e a perceção das regras da língua estrangeira (LE) precedem o uso dessas regras, e seus proponentes derivam essa crença na distinção feita por Chomsky entre os conceitos de competência (*competence*) e desempenho (*performance*), identificando, assim, a noção de competência com o saber explícito de regras gramaticais e a de desempenho com o uso efetivo dessas regras (Ferreira H.L.B. 2001, 70).

Isto significa que aprender bem uma língua estrangeira num ambiente não nativo é bastante difícil sem o conhecimento relevante das formas e da gramática desta, portanto, dominar a gramática como competência torna-se a base para a aprendizagem da nossa língua-alvo. Ter domínio básico da língua portuguesa é ter a capacidade de utilizar esse idioma de forma integrada, de aplicar os conhecimentos adquiridos, consciente ou inconscientemente ou, por outras palavras, conhecimentos a que se

chegou através da aquisição explícita ou implícita, de forma sistemática, permitindo-nos dominar o sistema acordado e estável de símbolos linguísticos.

Aqui damos uma breve explicação sobre os termos aquisição e aprendizagem. Segundo Athany Gutierrez e Felipe Flores Kupske “alguns linguistas afirmam haver diferenças entre os termos, filiados a determinadas correntes teóricas; outros, usam o primeiro ou o segundo de forma intercambiavelmente. Optamos por referir aquisição como o processo natural de adquirir uma língua (gramática como competência), e aprendizagem, como o processo de refletir metalinguisticamente sobre sua produção e estar submetido a situações de instrução explícita (gramática como formalização e ensino)”(2018, 75). Os princípios de todas as línguas humanas naturais são os mesmos. Por exemplo, todas elas têm assunto, predicado e objeto e todas elas têm formas gramaticais como substantivos, adjetivos e verbos, por isso esta aquisição natural da língua materna estende-se à aprendizagem de línguas estrangeiras e dá-nos competências linguísticas naturais na aprendizagem de novas línguas.

Assim se depreende que a gramática assume-se não só como um conhecimento linguístico, mas também como uma competência, nomeadamente a capacidade de dominar na prática a língua.

3.2.3 Gramática pedagógica (GP)

Para Ferreira (2001), a definição da gramática pedagógica é: “O objeto de ensino/aprendizagem [a língua estrangeira] não é constituído pelas descrições dos linguistas, mas pelas descrições pedagógicas ou pedagogizadas dessa língua, o que nós chamamos aqui de gramática pedagógica. Ou, se se prefere, por um conhecimento dessa língua construído e canalizado sobre a base de descrições pedagógicas.” (p.158)

Além disso, como Costa e Coutinho (2020) referiram, “na gramática existem vários eixos, entre eles gramática normativa, histórica, comparativa, funcional e

descritiva, porém, destes diversos tipos apenas um é utilizado com mais ênfase no período escolar, a gramática normativa”. Portanto, a gramática pedagógica pode ser vista como gramática normativa.

De acordo com as características da *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro* (GPPB) de Bagno, também podemos derivar certas características da GP:

1. É uma Gramática, na medida em que pretende examinar e descrever o funcionamento de uma língua específica, o português brasileiro contemporâneo;
2. É pedagógica, porque foi pensada para colaborar com a formação docente que, no Brasil, é reconhecidamente falha e precária [...] ;
3. É um projeto epistemológico, porque traz uma teoria explícita do conhecimento, destinada a fundamentar os posicionamentos francamente assumidos ao longo de todo o texto;
4. É teórica, na medida em que discute, refuta ou abraça propostas anteriores de descrição da língua e em que propõe novas análises, definições e conceito (Bagno, 2011, 13)

Na enumeração de Bagno das características para GPPB, é possível refinar a nossa compreensão da gramática no ensino. A gramática pedagógica também se baseia na teoria gramatical e nos fundamentos da nossa língua-alvo, embora o seu principal âmbito e campo de aplicação se concentre no domínio pedagógico. O ensino da gramática torna as nossas competências gramaticais adquiridas inconscientemente visíveis como regras que podem ser resumidas e aprendidas. Através da aprendizagem da gramática normalizamos as regras gramaticais anteriormente adquiridas.

Uma gramática pedagógica é considerada como uma descrição da gramática de uma língua com o objetivo de ensinar e aprender a ajudar no ensino-aprendizagem dessa língua. Adamson (1998) é menos económico na sua definição. Para este autor, gramáticas pedagógicas são aquelas que ajudam o (a) aluno a aprender a língua, que ajudam a adquirir, desde os primeiros momentos do processo de aprendizagem, os

reflexos que o (a) ajudarão na construção de uma gramática pessoal (Adamson, 1998,179) (Ferreira H.L.B. 2001, 157).

A gramática pedagógica é, então, essencialmente uma forma de analisar e ensinar a gramática, de maneira a responder às necessidades dos alunos e, na sua visão alargada, representa efetivamente um processo decisório dos professores, no qual estes escolhem quais os melhores métodos a utilizar para transmitir as referidas regras aos seus alunos.

4. A importância da gramática na oralidade e na aprendizagem do Português como língua estrangeira

Para entender e fundamentar a importância da gramática na expressão oral de uma língua estrangeira, decidi analisar a forma como os estudantes e professores, que são falantes não-nativos de português, encaram a gramática, bem como o valor que lhe atribuem. Para tal efetuou-se um inquérito, seguindo os esboços apresentados no Anexo 1 (Inquérito para Alunos) e no Anexo 2 (Inquérito para os Professores).

4.1 Apresentação do público-alvo dos questionários

Dei este questionário a uma centena de alunos portugueses quando investigava a importância da gramática na expressão oral.

Alguns deles foram provenientes de estudantes que se tinham licenciado em português, ou seja, estudantes que tinham frequentado/estavam a frequentar um curso de PLE nas universidades. Incluí também alguns estudantes que tinham aprendido português através da autoaprendizagem ou através de algumas instituições não escolares de formação, que estiveram presentes para ilustrar melhor a objetividade e possibilidades de aplicação em relação à gramática na língua falada.

A maioria dos estudantes universitários inquiridos eram da Universidade de Lanzhou Jiaotong, Universidade Normal de Harbin, Instituto Chengdu de Línguas Estrangeiras, Segunda Universidade de Línguas Estrangeiras de Pequim e Universidade de Línguas Estrangeiras de Xi'an na China. Como o questionário foi distribuído online a estudantes que não frequentavam o curso de PLE, foi-lhes pedido

que assinassem o seu nome e modo de estudo no final do questionário a fim de provar a autenticidade do inquérito.

Mais de oitenta por cento dos inquiridos selecionados já se encontravam no mercado de trabalho ou já tinham estudado/vivido num país de língua portuguesa, pelo que o uso do português falado era mais prevaiente para eles e ilustrava melhor a objetividade da pergunta que eu estava a tentar estudar.

Os professores entrevistados para este questionário foram três professores chineses da Universidade Lanzhou Jiaotong e dois professores chineses da Universidade de Estudos Estrangeiros de Xi'an.

Estes professores têm uma atitude e experiência apaixonada no ensino do português na China, e realizei um inquérito sobre os métodos de ensino que utilizam para ensinar gramática portuguesa na sala de aula; cinquenta estudantes eram alunos destes professores, fornecendo assim mais provas de objetividade e aceitação dos métodos de ensino utilizados pelos professores com os estudantes.

4.2 A análise do resultado do inquérito

Abaixo apresenta-se e analisa-se brevemente os resultados de algumas das questões relacionadas com o conceito central deste trabalho: gramática.

4.2.1 Questionário para os alunos de língua portuguesa

Numa primeira questão, pediu-se aos inquiridos que avaliassem numa escala de 1 a 5 a sua proficiência na comunicação oral, sendo que 1 era “falar com dificuldade” e 5 “falar muito bem a língua portuguesa”

O gráfico (veja-se gráfico 1 no anexo 1) mostra que 52% dos inquiridos

considera que tem um nível intermédio de capacidade comunicativa oral em português (Nível 3), 17% um nível avançado (Nível 4 e 5), sendo que destes apenas 4% opina que fala muito bem língua portuguesa, e 31% (Nível 1 e 2) reconhece que a sua oralidade em PLE se encontra a um nível baixo. Destes últimos, 11% assume que fala português com dificuldade.

Esses resultados também dependem em parte de há quanto tempo os inquiridos iniciaram os seus estudos, facto analisado na questão seguinte.

Questão: Há quantos anos aprendeu ou está a aprender a língua portuguesa?

Conforme exposto no gráfico (veja-se gráfico 2 no anexo 1), 66% dos inquiridos estão a aprender português há quatro anos ou mais, enquanto 34% têm-no aprendido há menos de quatro anos.

Quando se trata da aprendizagem de línguas, a passagem de tempo e a acumulação de horas de estudo nem sempre garante de forma imediata um melhor domínio da língua. De qualquer forma, conciliando os dados dos dois gráficos anteriores, não deixa de ser interessante notar que 34% dos inquiridos estuda português há menos de quatro e 31% dos inquiridos assume não dominar bem a língua. Aliás, 11% reconhece falar com dificuldades e 12% só estuda português há um, talvez contribuindo para essa dificuldade o facto de o estudo da língua ser recente.

Independentemente dessas questões, o objetivo é perceber como tanto alunos mais recentes como outros mais experientes e como outros com mais dificuldades encaram a gramática e a forma como ela é usada.

Outra questão colocada aos inquiridos foi, então, a maneira como estes aprenderam português.

Questão: Aprendeu português em....?

De acordo com os resultados do inquérito (veja-se gráfico 3 no anexo 1), 91% das pessoas aprendeu ou está a aprender português na escola. Tendo em conta, como já referido, que metade dos nossos entrevistados são chineses que estão a trabalhar em Angola, esse resultado ajuda a perceber como o ensino de PLE já é mais comum na China e porque ele é tão necessário.

Assim, foi a este grupo diversificado que se colocaram as questões-chave deste estudo.

Questão: Sabe o que é a gramática de uma língua?

O gráfico (veja gráfico 4 no anexo 1) de resultados acima mostra que a maioria dos estudantes (88%) pensa saber o que é a gramática portuguesa, tendo alguns deles alguma ambiguidade sobre o conceito e o conteúdo da gramática (10%). Uma pequena minoria, apenas 2%, assume não compreender o que é a gramática.

Questão: Acha que domina as regras da gramática da língua portuguesa?

Analisando os gráficos (veja gráfico 5 no anexo 1), podemos ver que 27% dos alunos de PLE considera que domina a gramática, 51% não tem uma ideia clara do seu domínio da gramática e 22% acha que não domina a gramática.

Isto é coerente com os resultados das questões anteriores. Por exemplo, na questão anterior, 12% dos inquiridos reconhecia não saber ou ter dúvidas sobre o que é a gramática. Se tem essa dúvida, é normal que não seja consciente do domínio dos princípios do funcionamento da língua e, por isso, esses inquiridos provavelmente fazem parte dos 22% que acham que não domina as regras da gramática. Por outro lado, 88% consideram que sabem o que é a gramática e 51% assume dominá-la, o que também não é uma contradição, já que ter a noção do que é a gramática não significa

dominá-la, principalmente quando se trata de uma língua estrangeira.

Entretanto, procurou saber-se o valor que se atribuiu ao referido domínio da gramática na expressão oral.

Questão: No seu ponto de vista, outras pessoas podem compreender bem quando fala português sem respeitar as construções da gramática?

De acordo com o gráfico (veja gráfico 6 no anexo 1), a maioria dos estudantes (62%) sente que os seus recetores/ouvintes conseguem compreender bem o que dizem mesmo que não sigam as regras gramaticais na maioria das interações. Muitos (27%) sentem que mesmo não respeitando as regras gramaticais podiam ser compreendidos sempre e apenas 8% considerava que não podia ser compreendido se não seguisse os preceitos linguísticos.

Associando os resultados destas últimas questões, parece que a maioria dos estudantes considera que sabe o que é a gramática, mas mesmo assim pensa que sem ela consegue comunicar com eficiência. Ou seja, tendo em conta o essencial papel que a gramática desempenha numa língua, deduz-se que, na realidade, a maior parte dos alunos não está consciente da importância desta e de como ela está presente, implícita ou explicitamente, no uso da língua, inclusive na expressão oral.

Questão: Acha que conhecer a gramática da língua portuguesa é importante na oralidade?

A esse respeito, os resultados (veja gráfico 7 no anexo 1) do inquérito mostraram que a maioria dos estudantes (68%) a considerava muito importante, alguns (32%) achavam-na pouco importante, mas ninguém disse que não atribuía qualquer importância a esta disciplina. E aqui é necessário assumir-se que reside uma das contradições dos resultados. Se 2% dos inquiridos não sabe o que é a gramática, como

é que todos lhe atribuíram importância, mesmo que pouca? Como atribuir importância a algo que se desconhece por completo?

Mais ainda, quase a mesma percentagem de alunos que antes tinham respondido que na maioria dos casos conseguia comunicar bem sem usar a gramática, considera nesta questão a gramática importante para a oralidade, do que se depreende que a considerem importante, mas não essencial ou determinante na eficácia do processo comunicativo pelo uso da língua.

Tudo isto revela que realmente ainda existe confusão sobre o que é a gramática e a sua importância no domínio de uma língua, daí a necessidade de se clarificar estes conceitos para um ensino e uma aprendizagem mais eficaz de PLE.

Assim, a gramática portuguesa não é composta apenas de sintaxe. Muitos estudantes ignoram o facto de que a fonética também faz parte da gramática, por isso quando comunicam com alguém oralmente e se esforçam para produzir uma palavra completa com precisão, já estão a aplicar conceitos gramaticais. Isto é, é muito difícil comunicar numa língua sem pelo menos dominar a pronúncia das letras, a divisão das sílabas de palavras ou o som de alguns vocábulos, e até isso segue princípios linguísticos estudados pela gramática. Portanto, achar que os nossos ouvintes nos compreendem bem na maioria dos casos sem respeitar a gramática revela que não se está consciente daquilo que ela realmente é e do valor que ela assume.

4.2.2 Questionário para os professores

Depois de se destacar o ponto de vista de uma amostra de alunos de PLE sobre o conceito e o valor da gramática, evidenciando-se a clara necessidade de investimento na clarificação destes, apresenta-se agora a perspetiva dos professores sobre o mesmo assunto.

Questão: Há quantos anos ensina português?

Como evidencia o gráfico (veja gráfico 8 no anexo 1), todos os cinco professores que se inquiriu têm mais de quatro anos de experiência no ensino do português.

Baseado nessa experiência, tentou-se descobrir quais são, para eles, os maiores obstáculos no ensino de PLE.

Questão: De acordo com a sua experiência profissional, qual é a competência mais difícil de desenvolver para a maioria dos estudantes de língua portuguesa como língua estrangeira?

Quatro dos cinco professores sentiram que a expressão oral era a competência linguística estrangeira mais difícil de dominar, enquanto apenas um sentiu que era mais difícil desenvolver as competências de escrita (veja gráfico 9 no anexo 1).

Questão: Na sua opinião, o conhecimento da gramática afeta o domínio da oralidade.

Como se pode verificar, 40% dos professores acredita que a gramática afeta sempre a expressão oral, 40% acredita que algumas vezes afeta, e 20% acredita que quase nunca afeta (veja gráfico 10 no anexo 1).

“Cada língua deve ser aprendida mais com a prática do que pelas regras. Mas as regras ajudam a prática e a consolidam (Comenius,-Didática Magna, 1657)” (Ferreira, 2001, 147). Falar e escrever são uma parte importante da prática da língua estrangeira, pelo que “as regras” enunciadas e estruturadas na gramática são essenciais para ajudar tanto na “prática e na consolidação” também da expressão oral. Assim, é intrigante, arrisca-se dizer até preocupante, que a maioria dos professores ache que o conhecimento da gramática só afeta o domínio da oralidade “algumas vezes” ou “quase nunca”.

4.3 A importância da gramática – Análise dos resultados

A análise dos resultados do nosso questionário mostra que a maioria das pessoas que aprendem português reconhece a importância da gramática na expressão oral, pelo que o principal objetivo deste capítulo é explorar por que razão a gramática é tão importante na língua falada. Como é que esta importância se manifesta?

Segundo a citação de Ferreira "Cada língua deve ser aprendida mais com a prática do que pelas regras. Mas as regras ajudam a prática e a consolidam" (Comenius,- Didática Magna, 1657) (2001,147). A gramática existe não só como disciplina separada na língua estrangeira, mas como base normativa do uso da língua, contribuindo para a correção do que exprimimos pela língua-alvo. Na China, o ensino do português baseia-se numa condição em que não existe qualquer contexto linguístico, pelo que não é assim tão fácil adquirir inconscientemente certas regras gramaticais na prática, e o ensino e aprendizagem da gramática torna-se ainda mais importante. Como Costa e Coutinho dizem, o ensino da norma culta deve ser percebido como importante e obrigatório, pois corresponde ao conjunto de regras que determina o que é correto da língua escrita e falada. Embora saibamos que o uso da gramática tem por objetivo imediato refinar a habilidade de escrita e leitura, ela desenvolve competências que permitem que o indivíduo saiba escutar, entender, falar, criticar e expor suas ideias de forma clara e objetiva (2020). No ensino do português como língua estrangeira na China, alcançar a proficiência na leitura, escrita e produção oral é atualmente o nosso principal objetivo.

O estudo e domínio da gramática, que revela os vários padrões de vocabulário e alterações lexicais, bem como a formulação de frases, irá orientar os alunos para melhor compreender e aplicar o português, desenvolver a sua capacidade de aplicar o português de forma precisa e eficiente, e melhorar a sua capacidade aplicada da língua. Do ponto de vista do ambiente de aprendizagem do português, os nossos estudantes não têm um contexto linguístico abundante para aprender português na China, o que

significa que lhes falta estímulo linguístico nos seus estudos diários e na sua vida, o que lhes dificulta a aprendizagem natural da língua e só dependem da aprendizagem ativa para adquirirem competências de língua portuguesa e aprenderem regras gramaticais para dominar as formas linguísticas mais rapidamente.

“É preciso não esquecer que a língua representa um factor de equilíbrio não só a nível cultural, mas também psicológico; a visão do mundo e da realidade está condicionada e determinada pela língua que cada um fala; o aluno interioriza as normas socioculturais, diferentes de sociedade para sociedade através do processo e aquisição linguística. Daí que alcançar um bom desempenho linguístico seja um factor decisivo para o desenvolvimento psicológico, cultural e social de qualquer ser humano e para uma melhor integração numa qualquer sociedade»” (Ivo, Maria José M.D. 2010, 60). Como diz esta autora, a língua é um fator decisivo para representar a nossa melhor integração na sociedade e, da mesma forma, a gramática é um fator-chave para medir o nosso domínio de uma língua e a nossa capacidade de nos expressarmos bem oralmente.

De acordo com esta visão, podemos também dizer que a língua é um instrumento para a nossa integração no mundo. Tal como disse Reis, a nossa língua é um fundamental instrumento de acesso a todos os saberes (2009, 6). A gramática é então a componente principal deste instrumento. Para Vilela, “A gramática ensina o uso correto da língua, ensina a pensar de modo lógico, forma o espírito, fornece um conjunto de conceitos para se compreender o fenómeno “linguagem”, problematiza a norma linguística, melhora a capacidade de expressão escrita” (1993, 143-144).

É fácil descobrir que com o conhecimento da gramática podemos compreender melhor o conteúdo da leitura e a especificidade das palavras dadas, especialmente quando encontramos algum vocabulário raro. Podemos usar o conhecimento gramatical dos afixos e das propriedades das palavras para determinar inteligentemente o verdadeiro significado da frase e através do conhecimento gramatical que

dominamos podemos simplificar as frases longas e difíceis que encontramos no nosso estudo, ajudando-nos a compreender o significado da frase.

A seguir apresentarei a importância das regras gramaticais na aprendizagem do português através da melhoria das capacidades de oralidade, escrita e leitura através do domínio da gramática.

Segundo a citação feita por Siwen, a partir de Cortez, oralidade é a prática de uso da língua natural por meio da produção sonora, em diversos géneros de texto orais, nos mais diferentes contextos e níveis de formalidade (2020, 18). A língua falada realiza o propósito da comunicação através da transmissão do som, portanto, não importa para que tipo de finalidade de comunicação seja, devemos primeiro dominar as regras de pronúncia do idioma e dominar a fonética do idioma antes de poder expressá-lo corretamente.

Podemos usar o português para uma comunicação quotidiana simples sem dominar as regras de sintaxe, e só usamos expressões de palavras simples para os nossos próprios fins de comunicação. Quando estava a trabalhar em Angola, encontrava alguns colegas que não falavam português e comunicavam com os locais usando palavras simples para se expressarem, tais como:

“você, lavar, carro, agora!” (O falante apontou para o carro que precisava de ser limpo.)

Expressões semelhantes são muito comuns em Angola, especialmente na comunicação entre chineses e angolanos que não estudaram e treinaram em português. Como no início dos seus estudos, os alunos não dominam as regras da gramática sistemática, assim, durante a simples comunicação com o professor, ambas as partes não se baseiam em regras sintáticas complexas, mas sim em regras fonéticas básicas para alcançarem os seus próprios objetivos de comunicação.

Quer seja entre a população chinesa e local em Angola ou no início de um curso

de língua portuguesa na China, a comunicação básica depende da correção de pronúncia e do uso fonética, caso contrário é difícil conseguir a comunicação.

No tocante à fonética, julgamos que a pronúncia deve ser abordada de forma integrada a outros conhecimentos e habilidades linguísticas, merecendo um tratamento direcionado às necessidades do aluno (evidenciadas pela fala) e aos objetivos da aprendizagem.

Numa frase tão simples como esta, não há regras gramaticais a não ser que as frases estão na ordem correta de construção sujeito-verbo-objecto, os verbos não são infletidos de acordo com o sujeito e o tempo correspondente, e o objeto não tem artigo, mas os locais com os quais comunicam podem normalmente compreender o que dizem. O que, para além da pronúncia correta das palavras, é atribuído à contextualização da comunicação e à adaptação da população local aos hábitos de expressão portuguesa dos chineses, e pode dizer-se que ambas as partes chegaram a um entendimento tácito de que esta comunicação já não é uma mera expressão oral. O processo da oralidade inclui a fala, acompanhada de outros aspetos como a prosódia, os gestos, a expressão facial e os movimentos corporais (Siwen Luo, 2020, 21). É neste cenário particular, acompanhado de gestos manuais, que esta comunicação se torna mais intuitiva e compreensível. Mas este tipo de comunicação também se limita ao simples dia-a-dia ou entre pessoas familiares, noutros cenários torna-se muito difícil.

A gramática contida no exemplo acima simples é tão fácil que não causa um grande obstáculo à comunicação entre as duas partes, mas na aplicação do português, que inclui frequentemente cenários de comunicação mais formais e complexos, a expressão falada não se pode limitar à produção de palavras.

A boa expressão oral baseia-se na gramática, como expresso em Costa et al.: conhecer o funcionamento da língua implica falantes competentes, utilizadores da língua que mobilizam de forma automática regras gramaticais para gerar e produzir enunciados na sua língua. Este conhecimento estende-se aos conhecimentos fonético,

fonológico, morfológico, sintático, lexical e o conhecimento semântico, pragmático e discursivo (2011, 8-9). Na nossa expressão oral, a primeira coisa é articular um som e usar esse som para transmitir a nossa informação, portanto, na expressão oral, o conhecimento gramatical mais crítico envolvido é a fonética, a fonologia e o vocabulário. A sintaxe e a semântica são mais importantes na habilidade de leitura, que envolve nossa análise e compreensão de materiais de leitura.

O ensino da leitura tem sido sempre uma forma importante de introdução da língua no ensino do português na China, devido à falta de um ambiente linguístico. A capacidade de leitura é também uma habilidade importante no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, e o desenvolvimento da capacidade de leitura dos estudantes é também conhecido como o principal objetivo do ensino do português, pelo que a eficiência do ensino da leitura tem um impacto direto na melhoria das competências de língua portuguesa dos estudantes.

De acordo com autores como Hirvela (2007), a compreensão de textos escritos fornece, sobretudo, a base para o desenvolvimento de outras aptidões e competências linguísticas. Contudo, a leitura tem também uma função integradora e socializadora, permitindo ao aprendente da língua entrar em contacto com discursos variados e diferentes representações da realidade.

A melhoria das capacidades de leitura depende de dois aspetos: fatores linguísticos e não linguísticos. O fator linguístico refere-se ao conhecimento de vocabulário, sintaxe, estrutura dos capítulos, etc. O fator não-linguístico refere-se à utilização de estratégias de leitura. Durante o processo de leitura, o leitor faz previsões sobre o material de leitura com base no conhecimento sintático e semântico já no seu cérebro, e confirma e corrige-as durante o processo de leitura. A atividade de leitura em si é de facto a prática do conhecimento linguístico e as estruturas linguísticas não existem independentemente do significado. Diferentes informações e formas gramaticais numa língua estão inter-relacionadas; ideias complexas são

frequentemente expressas em estruturas linguísticas complexas. Portanto, os aprendentes só podem melhorar a sua capacidade de lidar com frases se forem proficientes em regras sintáticas. A compreensão de textos está interligada com a compreensão da sintaxe, e a leitura requer capacidades gramaticais; mesmo quando o vocabulário é familiar, frases longas e estruturas sintáticas complexas podem dificultar a compreensão.

“Defendemos que o estudo da gramática faz muita falta, porque ajuda a ler e a escrever melhor. Há, de facto, vários estudos que apontam para correlações positivas entre consciência linguística e hábitos de reflexão sobre a língua, por um lado, e desempenhos na leitura, na escrita e na oralidade, por outro” (Costa et al., 2011, 16). A leitura para estudantes de português, não só em exames mas também em notícias do dia-a-dia, jornais e outros textos publicitários, requer sólidas capacidades de compreensão de leitura e o domínio da gramática é uma grande ajuda para melhorar a compreensão de textos.

A gramática é um conjunto de regras que nos levam a falar e escrever, numa manifestação de competência linguística que pode ser adquirida inconscientemente através da inculcação num contexto linguístico, ou através do estudo especializado escolar. Na secção seguinte, irei examinar quais os métodos que os professores normalmente utilizam para ensinar gramática nas escolas e quais os métodos mais aceitáveis e acessíveis aos destinatários dos conhecimentos gramaticais - os estudantes.

O desenvolvimento e aperfeiçoamento da escrita portuguesa é um dos principais objetivos dos professores chineses que ensinam a língua. Nas universidades chinesas, a produção escrita é mesmo uma parte importante do exame de proficiência em língua portuguesa em cada semestre para os alunos de língua portuguesa. Contudo, a escrita é importante não só nas atividades de ensino no *campus* mas também na prática social.

Os estudantes precisam de comunicar com os seus professores sobre os seus estudos via e-mail, os funcionários precisam de comunicar com os clientes por e-mail

ou escrever várias cartas ao sector público em nome da empresa, bem como cartas, currículos, etc. Isto exige proficiência na escrita em português e, nestes casos, a escrita em português já está envolvida na nossa prática social e é uma parte essencial do nosso trabalho ou vida.

Segundo Ferreira, a gramática é entendida como um conjunto de regras para bem falar e bem escrever (2001, 152). O conhecimento das regras gramaticais portuguesas é um fator chave para a nossa escrita correta.

Em particular, existem muitas diferenças entre as expressões escritas de chinês e português, uma vez que o verbo chinês é refletido pelo uso de advérbios, enquanto que o português reflete a mudança de tempo principalmente com base na inflexão do próprio verbo, servindo o advérbio apenas como uma ajuda e ênfase. O chinês é geralmente escrito em frases curtas e condensadas, enquanto o português tem muitas frases longas e difíceis, e uma única frase pode conter várias cláusulas subordinadas.

Na escrita, as palavras compõem frases e frases compõem expressões completas de significado, e neste processo de estruturação da escrita, a gramática é imersa e regula a correção de toda a escrita.

“Num artigo de Chomsky e Lasnik, de 1977, foi proposto um modelo de gramática que irá ser adoptado por muitos linguistas durante algumas décadas; para estes autores, a gramática tem como ponto de partida o Léxico; ou, dito de outra maneira, o Léxico, constituído pelos itens da língua, fornece à Sintaxe o input para as regras de combinação, concebendo-se, portanto, a Sintaxe como a componente central da gramática, como o sistema computacional que permite gerar construções bem formadas. Neste modelo, a Fonologia e a Semântica são as outras componentes da gramática, em grande parte com um papel interpretativo das estruturas geradas pela Sintaxe (Brito, 2010, 3)

Assim, para os estudantes escrever não é apenas uma forma de assegurar as exigências da vida e do trabalho, mas também a integração e aplicação prática dos conhecimentos gramaticais que aprendem.

5. Ensino de gramática

Depois de esclarecer e justificar a importância da gramática, percebe-se porque é mais preocupante a desvalorização e a confusão que aparentemente existe em torno dela e que ficou patente nos resultados do inquérito. Tal facto faz com que seja necessário analisar os métodos que estão a ser usados no seu ensino e avaliar o seu grau de sucesso, por forma a otimizar o processo de aprendizagem e a aumentar a proficiência dos alunos em PLE.

5.1 Ensino de gramática da língua portuguesa na China

No que diz respeito à forma como a gramática é apresentada em contexto escolar, principalmente na China, surge a ideia de “Ensino integrado da Gramática”, isto é, “aquele em que a sua aprendizagem apoia as restantes destrezas linguísticas-leituras, escrita, oralidade.” Ou seja, os exercícios gramaticais são apresentados “em articulação com a leitura e a escrita” (Silva, 2016, 149).

Nos capítulos anteriores, mencionou-se a importância da gramática para o domínio da leitura, da escrita e especialmente da oralidade e já se concluiu que o conhecimento da gramática é indispensável em todas essas áreas, facilitando e melhorando a aprendizagem dessas capacidades da língua. Assim, a gramática não se mantém isolada, mas funciona como um apoio para as outras competências linguísticas, completando a aprendizagem e utilização da língua-alvo. Especialmente quando o português é estudado como língua estrangeira, o ensino/aprendizagem da gramática é essencial, pelo que devemos aprender gramática e ensiná-la de uma forma séria.

Quando o português foi introduzido como língua estrangeira na China, isso significou que a maioria dos estudantes teve de começar do zero, uma vez que não tinha qualquer experiência anterior nem qualquer contacto ou imersão prévios na língua portuguesa, e todos nós começámos com a pronúncia de letras. Em seguida, passámos para as regras de pronúncia das palavras, ao mesmo tempo que expandíamos o nosso vocabulário, e depois para a sintaxe, progredindo gradualmente e mobilizando sempre conhecimentos gramaticais, mesmo quando a nossa atenção não era canalizada para esse facto. Isto é, havia momentos em que claramente se identificava o objetivo de adquirir e aplicar conhecimentos do funcionamento da língua. Em outros momentos, o objetivo era aprender novas palavras, treinar o seu uso ou construir frases com elas. Mas, mesmo nesses momentos, estávamos a empregar os conhecimentos gramaticais.

5.1.1 Os métodos de ensino da gramática da Língua portuguesa na sala de aula chinesa

Na nossa análise das atividades de ensino de gramática portuguesa, não só realizei um inquérito aos estudantes de língua portuguesa, como também entrevistei professores chineses em duas universidades chinesas.

“Lembremos que em Costa et al. (2011, 10-11) se exortavam os docentes a que assumissem a obrigação de investir em descrições mais adequadas da gramática; de tomar consciência do grau de desenvolvimento linguístico dos alunos e dos aspetos da língua que não decorrem de uma aquisição espontânea; de investir num ensino da língua que capitaliza as regularidades; e de orientar o estudo da gramática em dimensões para além da mera correção do erro” (Boto, 2016, 11).

Na sala de aula, o professor desempenha o papel de organizador, instrutor, orientador, auxiliar e supervisor do ensino e dos alunos. De facto, o professor assume uma função muito importante e até determinante no ensino de PLE, especialmente pela

forma como escolhe e aplica os métodos de ensino, podendo afetar diretamente a compreensão e aceitação dos estudantes.

Perante tudo isto, perguntou-se aos professores inquiridos que métodos pedagógicos costumam usar e quais acham mais eficazes.

Questão: Que métodos pedagógicos usa para ensinar a gramática da língua portuguesa?

A partir do gráfico 11 (veja gráfico 11 do anexo 1), percebe-se que 40% dos professores prefere a exposição teórica dos princípios e regras da gramática, 40% opta por deduzir os princípios teóricos a partir de exemplos reais e atividades práticas desenvolvidas para o efeito (como situações de comunicação oral, leitura) e 20% dos professores usa ainda outros métodos.

Questão: Na sua experiência, que método tem cativado mais a atenção dos estudantes, resultando numa aprendizagem mais eficiente da gramática portuguesa?

Os resultados (veja gráfico 12 no anexo 1) mostram que 60% dos professores acha que o método que mais cativa a atenção dos seus alunos é usar situações do quotidiano ou atividades práticas para, a partir delas, deduzir ou extrair as regras do funcionamento da língua. Por outro lado, 40% deles considera que a exposição teórica dos princípios da gramática é mais atrativo.

Além disto, os alunos também foram incluídos neste questionário para se analisar se a opinião dos professores coincide com a do seu público-alvo. Isto é, um docente pode considerar certo método pedagógico o mais apropriado, mas será que os seus alunos realmente concordam com isso? A confrontação entre as opiniões de professores e alunos visa assim observar quais as formas mais suscetíveis de alcançar

resultados na sala de aula de ensino de PLE na China e promover a aprendizagem e divulgação do português na China.

Assim, uma das questões que se colocou aos alunos foi:

Questão: Se frequentou/frequenta uma instituição de ensino, quais foram/são os métodos usados no ensino da gramática?

Como se pode observar no gráfico 13 (veja no anexo 1), 64% dos alunos relatou que os professores ensinam a gramática portuguesa recorrendo principalmente a manuais didáticos, 24% referiu que os professores ensinaram gramática a partir de cenas concretas de vida ou de diálogos, 11% disse que os docentes apresentaram as regras gramaticais diretamente e 1% dos alunos que foram seguidos outros métodos.

A próxima questão pretendia espelhar a avaliação que os próprios alunos fazem dos métodos que foram selecionados para eles.

Questão: Nessa sua experiência como aluno de língua portuguesa, considera que a forma como a gramática da língua foi/tem sido ensinada é “atrativa/cativante/estimulante” ?

A maioria dos aprendentes de PLE que frequentaram instituições de ensino (53%) achou os métodos de ensino aplicados no ensino da gramática atrativos, cativantes e estimulantes, enquanto 47% não partilha dessa opinião. Este resultado é um alerta que deverá tornar-nos professores de português mais conscientes e reflexivos, a fim de melhorarmos mais os nossos métodos de ensino (veja gráfico 14 no anexo 1).

Além de tudo o que já foi mencionado, na sala de aula chinesa de língua portuguesa, os manuais escolares são um dos meios essenciais de transmissão os conhecimentos pelos professores.

De acordo com as respostas dos alunos inquiridos, a maioria dos professores chineses escolhe o manual didático como o primeiro passo no ensino da gramática, porque a exposição aos conhecimentos teóricos é o primeiro e mais fácil e direto passo que damos quando lidamos com estudantes que não têm base prática em português.

Os manuais escolares portugueses fornecem tarefas de ensino específicas e detalhadas para professores de gramática, e nos manuais escolares as regras da gramática portuguesa são resumidas, e para estudantes sem conhecimentos as regras gramaticais são gradualmente distribuídas do simples ao complexo.

Na China não existe tanta variedade de manuais escolares portugueses como existe de outras línguas, tais como o inglês, o japonês e o coreano. Os manuais didáticos de PLE mais utilizados são: *Português para Ensino Universitário*, *Aprender Português*, *Português Global*, *Português XXI*, *Curso de Português para Chineses*. Por isso, perguntou-se aos alunos incluídos no inquérito realizado no âmbito deste trabalho se no seu plano de estudos estava incluído o recurso ao manual mais escolhido e como este era usado.

Questão: Se frequentou/frequenta uma instituição de ensino, o professor usou/usa o livro “Português para Ensino Universitário” (PEU) de Ye Zhiliang como manual didático?

Verifica-se que 72% dos alunos utilizaram o manual que referido, “Português para Ensino Universitário”, enquanto apenas 28% não o utiliza (veja gráfico 15 no anexo 1).

Segundo indiciado pelos resultados deste questionário, a maioria dos cursos de português para principiantes baseia-se no livro PEU, escrito pelo Professor Ye Zhiliang da Universidade de Língua Estrangeira de Pequim na China, isto porque, para um estudante chinês sem nenhuma base no português, é mais fácil utilizar um livro com

uma tradução chinesa e é mais intuitivo compreender certos conhecimentos e aprender português com a intervenção da sua língua materna.

Questão: Se sim, o professor começou/tem começado a consideração de cada unidade pedagógica do PEU por...

(veja gráfico 16 no anexo 1)

As mesmas questões foram colocadas aos professores.

Questão: Tem usado o livro “Português para Ensino Universitário” de Ye Zhiliang como manual didático?

Os resultados (veja gráfico 17 no anexo 1) mostram que todos os professores inquiridos utilizaram este manual didático, o que mostra a amplitude e a utilização prática deste livro no campo do ensino da língua portuguesa na China.

Questão: Se sim, começa a consideração de cada unidade pedagógica por...

Os resultados (veja gráfico 18 no anexo 1) mostram que 40% dos professores prefere dar a conhecer primeiro as palavras, 40% prefere aprender primeiro os conceitos gramaticais e os restantes 20% optam por começar a abordagem das unidades didáticas pela secção de texto.

Desta forma se evidencia quais são alguns dos principais métodos de ensino da gramática de PLE numa sala de aula chinesa. Como se pode verificar, uma ferramenta de ensino importante são os manuais didáticos, pelo que no desenvolvimento deste tópico relativo ao ensino da gramática, incluir-se-á ainda a análise do PEU, manual usado por muitas universidades chinesas, enriquecendo essa análise com o contributo

informativo obtido numa entrevista mais detalhada a um professor chinês de PLE.

5.1.1.1. Método explícito de ensino com recurso a manuais didáticos como “Português para Ensino Universitário (PEU)”

Trata-se de um conjunto de manuais didáticos básicos especificamente desenvolvidos para cursos de língua portuguesa de licenciatura, e apenas o primeiro e segundo volumes foram publicados. Cada unidade deste manual contém vocabulário, conversação, gramática, etc. O professor pode seguir o ritmo de ensino e a receptividade dos alunos ao conhecimento.

Em termos de conteúdo, as Unidades 1-5 do Livro 1 são a razão para a 1ª fase de aprendizagem. Todo este conteúdo é criado para ajudar os estudantes a obter uma introdução ao português o mais rapidamente possível, para dominar as regras da fonética e para construir uma base sólida na fala. Cada parte de diálogo/texto da unidade é acompanhada por um CD áudio, que permite aos estudantes praticar a sua pronúncia e ouvir com o CD áudio e corrigir os seus sons incorretos.

A imagem 3 (veja a imagem 3 no anexo 2) é uma parte do índice do manual didático de PEU, primeiro volume. Nesta página podemos ver o que é ensinado na primeira unidade, incluindo o texto, fonética e outros conhecimentos gramaticais, assim como exercícios, etc.

O primeiro ano da universidade é a fase inicial de exposição ao português para os estudantes chineses do segundo ano e é também a fase em que os estudantes aprendem as competências básicas.

Os autores deste livro também recomendam que os professores utilizem este manual para criar diálogos mais comunicativos e cenários práticos para os estudantes, a fim de os ajudar a utilizar e refletir sobre a gramática do manual.

No início de cada unidade, há um plano de aula, que inclui alvo de ensino/aprendizagem da gramática e conversação.

A imagem 4 apresenta o plano de ensino/aprendizagem da terceira unidade do livro e pode-se ver que começa com um texto, seguido da identificação de regras fonológicas básicas e também de regras sintáticas simples. Após a aprendizagem destas regras gramaticais básicas, são estabelecidos diálogos orais fáceis para reforçar o treinamento e a prática da gramática aprendida. Esta abordagem ao ensino a partir do básico também pode ser vista nas palavras de Duarte (1998,119-120) citadas por António Silva: “Assim, um percurso adequado que vem surgido é o do “ensino da gramática como atividade de descoberta”, que se desenvolve em quatro fases fundamentais, na primeira, o professor faz a organização de dados linguísticos; na segunda fase, os alunos observam e comparavam esses dados para fazer generalizações e eventualmente descobrir regras ou conceitos; na etapa seguinte, realizam-se exercícios de treino e memorização das descobertas; no final, faz-se, então, a “avaliação dos conhecimentos aprendidos sobre o tópico gramatical estudado” (2016, 143).

De acordo com o resultado analisado no questionário, os professores nem sempre seguem a ordem do livro didático quando utilizam o PEU. Alguns professores dão prioridade ao ensino da gramática primeiro e depois voltam às palavras e aos textos.

A forma como o manual é usado na sala de aula foi tema de uma das perguntas que foi colocada em entrevista a uma professora universitária na China³ que ensina português como língua estrangeira há seis anos. Ela gosta mais de manuais completamente escritos em português que permitem aos alunos entrar em contacto com “um pequeno mundo de português”, mas reconhece que “para os alunos de PLE,

³ A entrevista pode ser lida na íntegra no Anexo 3.

o manual em chinês é mais fácil e conveniente”, porque facilita a compreensão. Assim, ela costuma a utilizar o manual PEU que apresenta a informação em chinês e português.

Este é um exemplo de como cada professor pode adaptar o uso do PEU e criar o seu método de ensino de acordo com aquilo que considera que é mais eficiente e benéfico para os seus alunos, personalizando assim os seus métodos pedagógicos consoante as necessidades e as dificuldades que encontra.

Abaixo incluem-se três fotografias (veja as imagens 5, 6, 7 no anexo 2) de algumas das lições da Unidade 3 do livro didático da PEU, colocadas em ordem de acordo com o plano de aulas da professora acima referida. Isto permitirá compreender mais visualmente a sequência do ensino do professor e os benefícios de tal arranjo.

Na a imagem 5, a explicação analisa a acentuação das palavras e as disjunções das vogais dentro da fonética. Quando compreendermos estas duas regras, não teremos dificuldade em ler quando olharmos para o texto. Especialmente quando se trata de palavras “país”, a pronúncia desta palavra é mencionada apenas na separação das vogais na parte gramatical. Se não se aprender este conhecimento gramatical novamente, muitas pessoas irão lê-lo incorretamente como [‘pajf], igual à pronúncia da palavra “pais”, de facto, de acordo com o princípio das disjunções das vogais, a sua pronúncia correta é [pɐ’ij].

Assim, analisando o conteúdo da unidade de livros de texto e combinando-o com a ordem de ensino do professor, podemos ver que as regras gramaticais são estudadas antes do texto, e também a prática das regras através da prática do texto e das palavras.

Tal como Ferreira (2001) explica: “trata-se agora de fazer com que o aprendiz manipule, a partir dos eixos paradigmático e sintagmático que estruturam a organização da língua, uma série de exercícios de substituição e transformação. Pela repetição e memorização, o aprendiz, supunha-se, chegaria a um nível de automatismo que lhe asseguraria a aplicação da regra, sem que houvesse apelo a atividades de carácter reflexivo sobre a língua (p. 64)”.

Esta apresentação direta das regras gramaticais, seguida de reforço através de exercícios, é conhecida como o método tradicional de ensino gramatical, e é também conhecida como o método dedutivo.

António Silva (2016, 149) refere-se a esse método tradicional indicando que “o método tradicional de ensino da gramática estava, como se sabe, estruturado em duas fases: exposição de regras e exemplos, seguida do treino das regras”.

Citando Matos (2011), Ana Boto (2016) confirma essa ideia, explicando que os métodos dedutivos “partem sempre da regra para chegar aos exemplos, da gramática para o texto”. Primeiro, domina-se o conhecimento gramatical explícito, a seguir efetua-se a aplicação específica através dos exercícios de prática pós-lição ou textos, o que é mais acessível para alguns estudantes que nunca tiveram nenhum contacto prévio com a LE. Em contrapartida, os métodos indutivos “partem dos exemplos para chegar à regra, do texto para a gramática”. (Boto, 2016)

Ou seja, quando se adota os referidos métodos dedutivos estamos na dimensão do ensino explícito já explicitado. E quando se escolhe métodos indutivos agiliza-se mais a dimensão do ensino implícito. Como mencionado até aqui, muitos professores optam pelos métodos dedutivos ou explícitos e isso tem algumas vantagens.

Segundo Sharwood Smith (1988), estimular a nossa consciência do que estamos prestes a aprender primeiro, e depois voltar ao padrão das conversas situacionais, é mais suscetível de estimular a nossa memória e interesse na aprendizagem, e pode acelerar a nossa aprendizagem e domínio das regras.

Pode-se utilizar as imagens 8 e 9 (veja anexo 2) do PEU para analisar em detalhe a diferença no estilo de ensino causada pela opção por um método explícito em vez de um método implícito. Estas duas imagens são da Unidade 12: “O que é que fizeste ontem?”. De acordo com os objetivos estabelecidos no currículo, esta lição centra-se na utilização do tempo verbal “Pretérito Perfeito Simples do Indicativo”.

A imagem 8 resume sistematicamente as formas conjugadas de verbos regulares no Pretérito Perfeito Simples do Indicativo, apresentadas em formato de tabela, o que é fácil de compreender. Ao ensinar, o professor acrescentará explicações mais detalhadas de outras palavras semelhantes, para além de utilizar os exemplos da tabela.

Os diálogos apresentados na imagem 9 estão na primeira página da lição da Unidade 12, tratando-se da página 199, obviamente anterior à página 205, onde se introduzem os conteúdos gramaticais.

O ensino dos diálogos como primeiro passo dá aos alunos um prévio conhecimento inconsciente da gramática envolvida, seguido de um estudo especificamente consciente das regras (método indutivo que cria inicialmente um conhecimento implícito).

Ou seja, primeiro, mergulha-se numa língua-alvo sem conhecer as regras gramaticais, adquirindo conhecimento gramatical através da exposição inconsciente, e depois resume-se o conhecimento invisível que se adquire através de regras explícitas, compreendendo-as. Todavia, isto é muito difícil num contexto chinês onde não há ambiente linguístico, por isso na entrevista, a uma professora portuguesa com seis anos de docência de PLE, perguntou-se como é que ela costuma levar os alunos a um processo de aprendizagem tão implícito nestas situações. A resposta dela foi:

Para aprender as regras gramaticais, gosto geralmente de mostrar alguns clips de filmes e deixar os alunos verem as legendas e depois analisar o diálogo e as regras gramaticais nelas utilizadas. Organizo frequentemente passeios a parques, supermercados e centros comerciais, onde não lhes permito falar chinês, para que possam comunicar uns com os outros em português, descrevendo as pessoas ou objetos que encontram. Para os tornar mais dispostos a comunicar, convido os meus amigos brasileiros ou portugueses, falantes nativos de língua portuguesa, a juntarem-se a mim, para que tenham de usar o português para comunicar com os meus amigos.

O método de deixar estudantes a ver as legendas do filme e a comunicar

diretamente com um falante nativo de português, e depois analisar, aprender e recordar os conhecimentos gramaticais adquiridos no processo, é suscetível de atrair o interesse dos alunos.

Por outro lado, também se pode, como tem sido evidenciado, primeiro apresentar as regras para que os alunos as conheçam claramente e depois regressar e praticar os diálogos, permitindo que eles reflitam sobre o que já sabem e compreendam a aplicação das regras que estudaram (método dedutivo e explícito).

Claro que o método que será usado depende dos diferentes estilos de ensino de cada professor e do *feedback* dos alunos sobre ambas as abordagens. Eles é que poderão indicar o que é mais fácil de aceitar e compreender. Por isso, essa também foi uma questão incluída no questionário apresentado neste trabalho.

Questão: Para si como aluno, que métodos de ensino têm sido mais eficientes para aprender as regras de funcionamento da língua?

De acordo com os resultados (veja o gráfico 19 no anexo 1) do inquérito aos professores e estudantes chineses de PLE, a maioria dos estudantes (64%) preferem aprender primeiro as regras gramaticais, com o auxílio do manual, e depois aprender a analisar conversas, um processo semelhante ao da receção-reflexão-acumulação de informação que, como mencionámos anteriormente, utiliza um método de ensino explícito para ajudar os estudantes a dominar as regras gramaticais. Só 24% dos alunos prefere que o professor ensine as regras gramaticais através de currículos de diálogo comunicativo ou da criação de cenários da vida real em aplicação prática.

Os professores parecem corresponder em parte a este gosto, já que, como apresentado no gráfico 18, só 20% começam a análise de cada unidade didática do manual pela análise dos textos.

5.1.1.2. Método Explícito: enriquecimento com a exploração de situações de comunicação reais e próximas dos alunos

Apesar das vantagens que já foram referidas e associadas ao método tradicional de ensino de gramática (dedutivo e explícito), e apesar de a maioria dos alunos dizer que o prefere, é interessante que ao mesmo tempo estes assumem que consideram o ensino da gramática monótono e pouco cativante. Essa opinião foi expressa pelos alunos que responderam ao inquérito, portanto procurando uma abordagem mais interessante e animada que possa fazer com que a tarefa de ensino da gramática alcance resultados mais significativos.

“A gramática de uma língua deverá ser sempre um conteúdo estudado em uma aula de língua estrangeira, sendo crucial a escolha da abordagem mais adequada para seu ensino, considerando a comunicação como meta a ser alcançada. Já que, como apontado previamente, o objetivo do estudo de língua estrangeira é a comunicação, a gramática deve ser vista como uma ferramenta que auxilie o aluno a alcançar tal objetivo” (Borges & Cunha, 2010, 8).

Assim, levando em consideração que o objetivo final da aprendizagem de uma LE é a comunicação, uma alternativa seguida por diversos professores, no esforço de realizar um ensino mais eficaz, é a introdução de personagens, cenas e diálogos, que são encadeados num contexto com o qual o aluno se identifica e que esteja relacionado com o ponto de conhecimento, para guiar os estudantes a juntarem-se à situação criada, praticando o que aprenderam. Tais atividades práticas baseadas em cenários reais podem despertar melhor o interesse dos estudantes e aprofundar o seu conhecimento do que estão a aprender.

Élen Borges e Ana Paula Cunha (2010, 9) referiram ainda: “para que a gramática seja realmente uma ferramenta para a comunicação ela deve estar associada a

diferentes gêneros textuais e a situações comunicativas que proporcionem ao estudante vivenciar o uso da língua de forma verossímil, sendo que tal tópico gramatical a ser estudado seja necessário para a comunicação. Assim, a gramática é estudada de forma contextualizada, sendo uma ferramenta para a melhora do desempenho linguístico do estudante de LE.”

Os professores de PLE na China normalmente fazem isto para criar cenários de comunicação conversacional em português, estabelecendo contextos específicos baseados nos conhecimentos gramaticais que foram ensinados nesse dia. Por exemplo, se o professor está a ensinar a conjugação verbal do Pretérito Perfeito do Indicativo, ele criará um cenário em que os alunos terão uma conversa sobre algo que lhes aconteceu num determinado dia no passado.

No entanto, quando se fala de estabelecer diálogos situacionais, não se inclui nestes apenas interações em que o aluno narra aquilo que lhe aconteceu ou está a acontecer, ou apenas cenas em que ele terá de usar os seus conhecimentos de PLE como uma ida ao supermercado, ao médico ou uma visita turística num país lusófono. Incluem-se também atividades que ajudam a promover a expressão oral do aluno, mas também a estruturação do seu pensamento de acordo com a língua estrangeira que está a estudar. Estas últimas atividades podem passar pela realização de sessões de leitura em voz alta, realização de debates temáticos, encenações de textos ou cenas do quotidiano com recurso do improviso, ou jogos. Estas experiências comunicativas terão assim sempre como objetivo o aluno, não só aprimorando a sua expressão oral, mas também perceber, pela prática, como deve aplicar as regras gramaticais que até ali eram princípios teóricos apresentados no manual didático. Este modo de ensinar pode aprofundar as impressões dos estudantes sobre o que viram no livro, pode tornar o conteúdo rígido do manual mais vívido e pode ainda ajudá-los a gravar, memorizar e assimilar mais facilmente o que aprenderam.

“A linguagem é um lugar de interação humana (Camillo, 2007, 61) que não se

pode entender como um sistema estável e fechado, mas uma atividade social fundada nas necessidades de comunicação (Macedo, 2009, 3), num dado contexto comunicativo, socio-histórico e ideológico (Camillo, 2007, 61)” (Boto, 2016, 6).

Portanto, o professor utiliza o manual escolar de português com o objetivo claro de primeiro ensinar aos alunos as regras gramaticais do currículo e depois regressar aos diálogos estabelecidos no início do manual e a outras atividades práticas de comunicação real, que deverão ser pensadas, planeadas e acrescentadas, para os despertar, assim, inicialmente para as regras da língua e lhes permitir de seguida aprofundar as suas reflexões, pensamento e memória das regras que conheceram anteriormente.

O importante papel do professor não pode ser ignorado durante o processo de ensino e aprendizagem, especialmente em português, onde o professor compreende claramente as necessidades de aprendizagem dos alunos e utiliza um estilo de ensino razoável para estimular a sua consciência subjetiva da aprendizagem, não só para melhorar a sua própria eficiência de ensino, mas também para acelerar a sua aprendizagem e aquisição da língua-alvo.

A acrescentar a tudo isto, convém ainda referir que todas estas abordagens, no contexto do ensino do português na China, dificilmente escapam à ajuda do chinês, ou seja, a língua materna desempenha um certo papel na aprendizagem do português, porque no processo de descrição da gramática e da análise dos seus exemplos, se o professor der as aulas totalmente em português, é difícil para os alunos compreenderem os termos exclusivos envolvidos, pelo que o ensino de PLE também exige o auxílio do método “tradução gramática”.

5.1.2 Método Tradução-Gramática

Segundo Ferreira (2001), “a primeira metodologia de ensino de línguas modernas

a constituir-se no âmbito escolar terminou por ser conhecida como a metodologia da gramática e da tradução, ou metodologia tradicional” (p.49).

No que diz respeito ao método de tradução gramatical, é mais amplamente utilizado na aprendizagem do português como língua estrangeira, especialmente na China. Como os estudantes chineses têm relativamente poucos conhecimentos de português, e como o chinês e o português pertencem a um género de línguas completamente diferentes, a intervenção e a assistência do chinês é essencial no processo de ensino da gramática. Isto permite aos estudantes traduzir e compreender, bem como integrar certos conceitos da língua-alvo com a ajuda do chinês.

Tal como a citação feita pela Ana Boto (2016, 21), “O ensino do latim, assente, ainda hoje, no método da Gramática-Tradução, que se tem caracterizado pelo ensino da língua a partir da língua materna com a finalidade de desenvolver o gosto pela cultura e literatura latinas, tentando o aprofundamento do conhecimento do português e o desenvolvimento cognitivo do aluno (Leffa, 1988, 215-216)” e na mesma obra também referiu, “a dualidade de sistemas linguísticos, envolvendo a língua que se estuda e a língua materna do aprendente, pode desempenhar um papel maior ou menor na aprendizagem da língua não materna, dependendo da aceção que se tem da língua e da aprendizagem, tendo a língua materna sido vista, umas vezes, como um ponto de apoio para a aprendizagem da língua não materna, como na aplicação do Método da Gramática-Tradução, de acordo com Stern, (1991: 455) e, noutras, como um problema que o aprendente tinha de evitar e resolver (idem: 456)” (2016, 12).

A utilização da língua materna como um elo de ligação com outra língua leva-nos à história e cultura associadas à língua-alvo. A sua utilização para explicações de substantivos ou regras trar-nos-á uma compreensão mais intuitiva deste conhecimento do português, utilizando o corpo de conhecimentos já adquirido na nossa língua materna para nos ajudar a entrar num novo mundo linguístico.

Este método também está presente no PEU e constitui um dos atrativos deste

manual para a comunidade de estudo do PLE. A seguir, apresentam-se alguns exemplos de como o recurso à língua materna pode ajudar na aprendizagem de uma língua estrangeira.

No excerto do livro, a imagem (veja a imagem 10 no anexo 2) fala da pronúncia dos ditongos diminuídos, que são descritos em chinês, a fim de melhorar a percepção dos estudantes sobre esta pronúncia e aumentar a precisão.

No ponto que se assinalou como A, pode-se ler-se: “[aj] pronunciar primeiro o som aberto[a], que é pesado e completo, e depois deslizar em direção à semivogal [j], que deve ser pronunciado de forma acentuada e entorpecida.”

No ponto B, a orientação apresentada é: “[aw] pronunciar primeiro o som aberto[a], que é pesado e completo, arredondamento da boca, e depois deslizar em direção à semivogal [w], que deve ser pronunciado de forma acentuada e entorpecida”.

Para os estudantes chineses, explicações detalhadas em chinês são mais úteis para ajudar a compreender as técnicas e regras de pronúncia. Também permitem aos estudantes utilizar os seus conhecimentos da língua materna para mobilizar a sua própria iniciativa na aprendizagem de uma língua estrangeira, conduzindo a um conhecimento e aprendizagem mais suaves da língua-alvo.

Conclusão

Quando se conhece cada palavra, mas não se consegue usá-la com sucesso se não se domina as regras fonéticas do português, então falta-nos o conhecimento gramatical para dominar eficazmente o PLE e aumentar a nossa proficiência. Portanto, para os estudantes de português como língua estrangeira, o conhecimento da gramática não só é importante como é essencial.

De facto, como não existe um ambiente linguístico lusófono em que estejam imersos desde o nascimento, os estudantes chineses de PLE são confrontados com um novo campo de conhecimentos e a aquisição de regras gramaticais básicas e sistemáticas é vital para o domínio da língua estrangeira. Tal como Costa e Coutinho (2020) reconheceram, “embora saibamos que o uso da gramática tem por objetivo imediato refinar a habilidade de escrita e leitura, ela desenvolve competências que permitem que o indivíduo saiba escutar, entender, falar, criticar e expor suas ideias de forma clara e objetiva”.

O objetivo do ensino da língua portuguesa é, consequentemente, desenvolver as capacidades de compreensão oral, fala, leitura e escrita dos alunos, de modo que estes possam expressar as suas opiniões e ideias na língua-alvo e possam participar na comunicação em contexto social. Contudo, para atingir estes objetivos de ensino e para permitir aos estudantes adquirir conhecimentos gramaticais, os métodos de ensino utilizados pelos professores no processo de ensino têm também um impacto importante na aprendizagem dos estudantes.

A partir da análise dos resultados do questionário, podemos ver que os estudantes chineses de PLE preferem adquirir conhecimentos gramaticais de forma clara e direta e depois aplicá-los em situações reais de comunicação. Estas últimas devem ser incrementadas, para promover o uso da língua e não só o seu conhecimento. Elas também podem tornar o ensino mais pragmático e, como consequência, mais atrativo

e interessante. Assim, os professores vão utilizar o seu próprio corpo de conhecimentos para ajudar os estudantes a construir um ambiente de aprendizagem significativo que promove a aprendizagem e a aplicação do que aprenderam.

Na realidade, é responsabilidade e obrigação do professor transmitir conhecimentos de uma forma que seja mais agradável e interessante para os alunos, e melhorar a sua aquisição e reflexão sobre o que aprenderam.

Referências Bibliográficas

- ABREU, A. S. (2013). *Integração conceptual na descrição de fenômenos gramaticais do português / Conceptual integration in the description of grammatical phenomena in Brazilian Portuguese*. Alfa: Revista de Linguística (São José Do Rio Preto), 57(1), 229–256. <https://doi.org/10.1590/S1981-57942013000100010>
- AMORIM, Clara & SOUSA, Catarina (2014). *Gramática da Língua Portuguesa*. Supervisão Científica: Mário Vilela. Areal Editores
- ANDRADE, Natália Penitente. (2017). *Gramática E Ensino: Uma Perspectiva De Interação*. Revista X, 12(1). <https://doi.org/10.5380/rvx.v12i1.49451>
- BAGNO, Marcos. (2011). *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BORGES, Élen Susana Inácio & CUNHA, Ana Paula de Araújo. (2010). *A aprendizagem da gramática em sala de aula de língua estrangeira na perspectiva de professores de inglês em serviço e pré-serviço*. Revista Thema, 07(01), 01-14.
<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsdoj&AN=edsdoj.98ecb6f0c7864937a916323b558529bc&lang=pt-pt&site=eds-live&scope=site&custid=ns000558&groupid=main&profile=eds&authtype=ip,guest>
- BOTO, Ana Catarina Fernandes. (2016). *Gramática e gramáticas: Transpondo fronteiras no ensino de Latim e do Português*. Relatório da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Ensino do Português e das Línguas Clássicas. Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.
- BRITO, Ana Maria. (2010). *Gramática, História, Teorias, Aplicações*. Fundação Universidade do Porto – Faculdade de Letras. ISBN. 978-972-8932-56-5

CANALE, M. & SWAIN, M. *Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing*. Disponível em: *Applied Linguistics*, 1(1), 1980.

CHENG, Jiang (2019). *Análise da situação atual do ensino da língua portuguesa na China*. Dissertação de Mestrado. Dissertação de mestrado. Universidade Nova de Lisboa.

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsrca&AN=rcaap.10362.75127&lang=pt-pt&site=eds-live&scope=site&custid=ns000558&groupid=main&profile=eds&authtype=ip,guest>

CHOMSKY, Noam. (1994) *O conhecimento da língua, sua natureza e uso*. Lisboa. Edições Caminho.

CIAVOLELLA, Bruno, & MENEGASSI, Renilson José (2021). *A escrita como trabalho em atividades de revisão textual na formação docente inicial em Letras*. Revista Brasileira de Linguística Aplicada, 21(3), 761–787.

<https://doi.org/10.1590/1984-6398202116829>

COSTA, F. A., VIANA, J., & CRUZ, E. (2011). *Recursos educativos para uma aprendizagem autónoma e significativa: Algumas características essenciais*.

COSTA, F. C. S. (2014). *A magia da leitura*. Dissertação de mestrado. Universidade de Coimbra. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/28398>

COSTA, M. M., & COUTINHO, D. G. (2020). *A norma culta na atualidade: Interferências e desafios para professores do ensino fundamental*. (Spanish). Revista Espacios, 41(2), 233–241.

CRUZ, Lizandra Rivero, & SIMON, Yessy Villavicencio. (2019). *A Competência Gramatical Em Línguas Estrangeiras. Procedimentos Para Orientar O Processo De Ensino-Aprendizagem*. Revista Órbita Pedagógica, 6(3), 80–90.

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsdoj&AN=edsdoj.33f1d10b285043adad65a8ec24bdaefa&lang=pt-pt&site=eds-live&scope=site&custid=ns000558&groupid=main&profile=eds&authtype=ip,guest>

CUNHA, C & CINTRA, L (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições Sá da Costa. 22º Edição

ELLIS, N. (1994). *Vocabulary acquisition: the implicit ins and outs of explicit cognitive mediation*. In ELLIS, N.(ed). *Implicit and explicit learning of languages* . Academic Press.

ESTIVALET, G. L., & HACK, J. R. (2014). *Ensino da oralidade em Língua Estrangeira na EaD através de programas de comunicação síncrona. L2 speech teaching in Distance Education (EaD) through synchronous communication softwares*. Revista Eletrônica de Educação, 8(3), 164–181. <https://doi.org/10.14244/19827199784>

FERREIRA, A.; SILVA, F. (2018) *O relato de discurso como estratégia de desenvolvimento da competência oral no ensino-aprendizagem de Português Língua Estrangeira*. Rev. EntreLínguas, Araraquara, v.4, n.1, p. 58-80, jan./jun., 2018.

E-ISSN: 2447-3529. DOI: 10.29051/rel.v4.n1.2018.10988

FERREIRA, Herbert Luiz Braga. (2001). *Gramática e aquisição: a relação entre o foco na forma e a aquisição de língua estrangeira em situação institucional*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269416>.

GUTIERRES, Athany & KUPSKE, Felipe Flores. (2018). *Gramática fonológica e ensino de inglês como língua adicional: aproximando a linguística formal da linguística aplicada*. Working Papers Em Linguística, 19(1), 65–89.

<https://doi.org/10.5007/1984-8420.2018v19n1p65>

IVO, Maria José (2010). *Os novos programas de português: da gramática ao conhecimentos explícito da língua*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Artes e Letras da Universidade da Beira Interior. Covilhã. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/10400.6/1956>

KUMARAVADIVELU, B. (2006) *Understanding language teaching: from method to postmethod*. New Jersey/London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

LUO, Siwen. (2020). *Estratégias e constrangimentos na aprendizagem da oralidade da língua portuguesa por estudantes chineses*. Dissertação de Mestrado.

Universidade Nova de Lisboa.

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsrca&AN=rcaap.10362.104941&lang=pt-pt&site=eds-live&scope=site&custid=ns000558&groupid=main&profile=eds&authtype=ip,guest>

MARTINS, J, JÚNIOR, M *et al.* (2020). *Métodos de aprendizagem, tecnologias educacionais e o desenvolvimento da escrita e oralidade em Língua Estrangeira Moderna: contribuições para à aprendizagem*. BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras.

MATEUS, Maria Helena Mira. *O espaço da fonologia nas descrições gramaticais*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

MIQUELON, Lucas Cardoso (2021). *Ser Para Saber: Os Conceitos de Língua Inglesa nos Entremeios das Práticas Pedagógicas*. Revista X. Universidade Federal do Paraná. Departamento de Letras Estrangeiras Modernas.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008.

PERRENOUD, Ph. (1999). *Construir as Competências desde a Escola*. Porto Alegre. Artmed Editora.

PORTO EDITORA. Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2022-02-19 14:15:00]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/gramática>

RAJAGOPALAN, K. *Por Uma Linguística Crítica: Linguagem, Identidade e a Questão Ética*. São Paulo: Parábola, 2003.

REIS, Carlos (coord) (2009). *Programas de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

SANTIAGO, S. R. M. (2015). *O desenvolvimento da produção oral na aula de espanhol língua estrangeira numa perspectiva comunicativo-funcional*.

<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=edsrca&AN=rcaap.10773.15761&lang=pt-pt&site=eds-live&scope=site&custid=ns000558&groupid=main&profile=eds&authtype=ip,guest>

SHARWOOD SMITH, M. (1988). *Consciousness raising and the second language learner*. In: RUTHERFORD, W. e SHARWOOD SMITH, M. (eds.) *Grammar and second language teaching, a book of readings*. Newbury House Publishers.

SILVA, A. C. (2016). *O domínio da gramática em manuais de Português: método(s), atividades, conteúdos, avaliação*. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*, 20(1), 137-158. <http://hdl.handle.net/10400.6/1956>

SILVA, Antonino. (1999). “*Visualização funcional da morfologia verbal*”, in BARBOSA, Jorge Morais et alii (org.). *Gramática e Ensino das Línguas, Actas do I Colóquio sobre Gramática*, Coimbra, Almedina.

SILVA, Vera Lúcia. *Competência Comunicativa em Língua Estrangeira (Que conceito é esse?)*. Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

SOARES, Natacha Maria Godinho. (2007) “*A linguagem oral e a aprendizagem significativa: um estudo realizado no contexto da sala de aula*.”. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta.

VIELA, Mário (1993). *O ensino da gramática na escola: que saída e que justificação?* Diacrítica 8:143-166.

ZHILIANG, Ye. (2009). *Português para Ensino Universitário*. Editora de ensino e investigação da língua estrangeira. ISBN 978-7-5600-8795-5.

ANEXOS

Anexo 1-gráficos

Gráfico 1: Considera que fala bem Português?

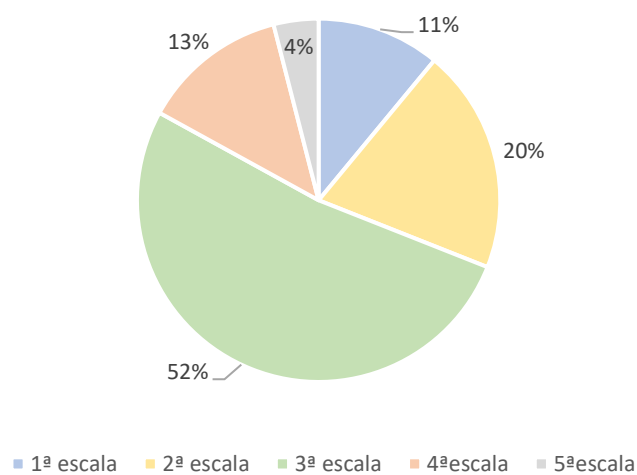


Gráfico 2: Quanto tempo aprendeu português?

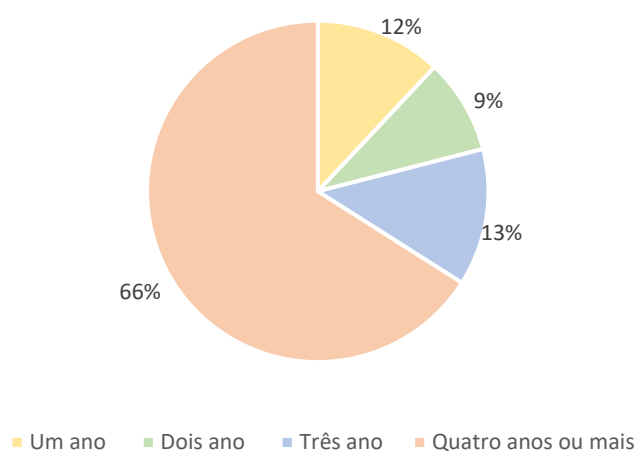


Gráfico 3: Aprendeu Português em...?

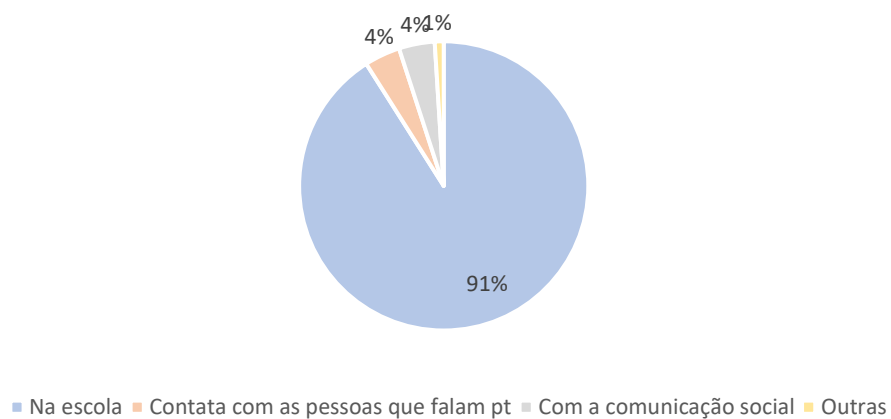


Gráfico 4: Sabe o que é a gramática de uma língua?

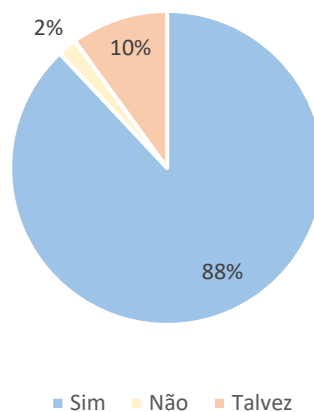


Gráfico 5: Já domina bem as regras da gramática?

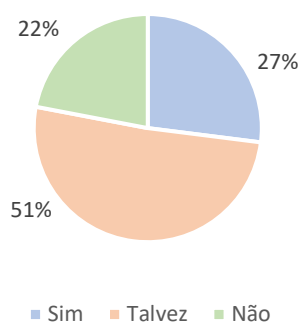


Gráfico 6: Sem respeitar a gramática, as pessoas podem perceber do que fala?

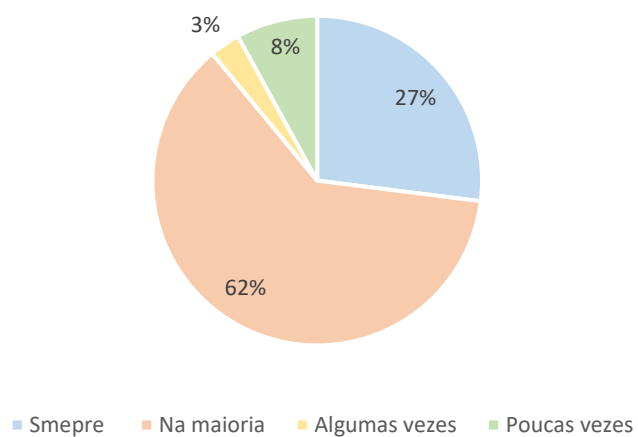


Gráfico 7: A gramática é importante na oralidade?

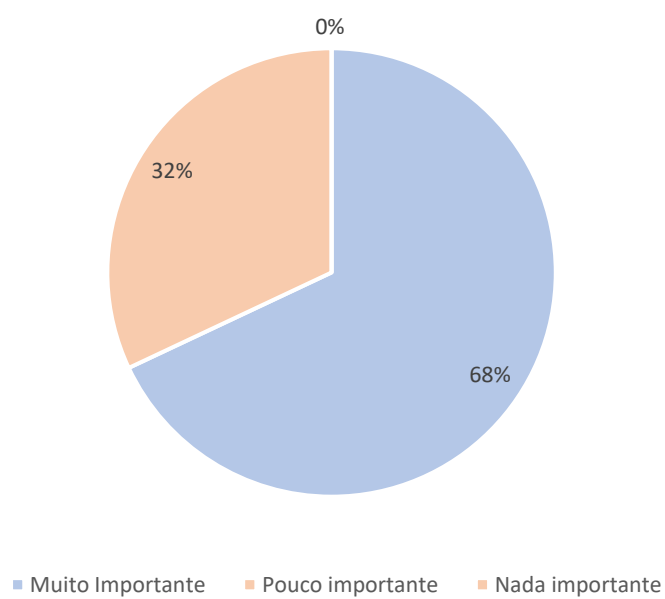


Gráfico 8: Há quantos anos ensina português?

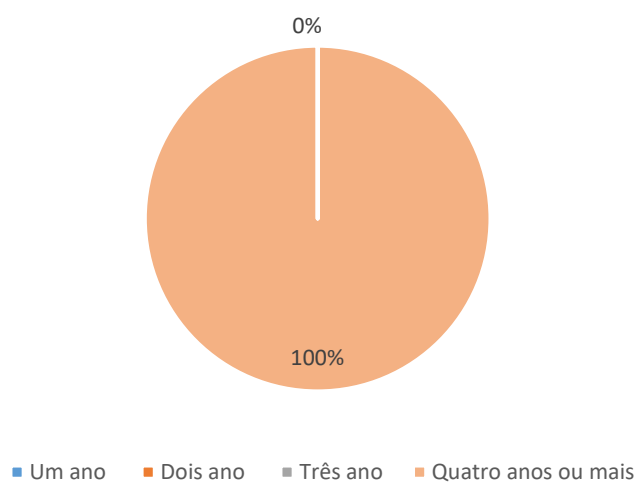


Gráfico 9: Qual é a competência mais difícil de desenvolver?

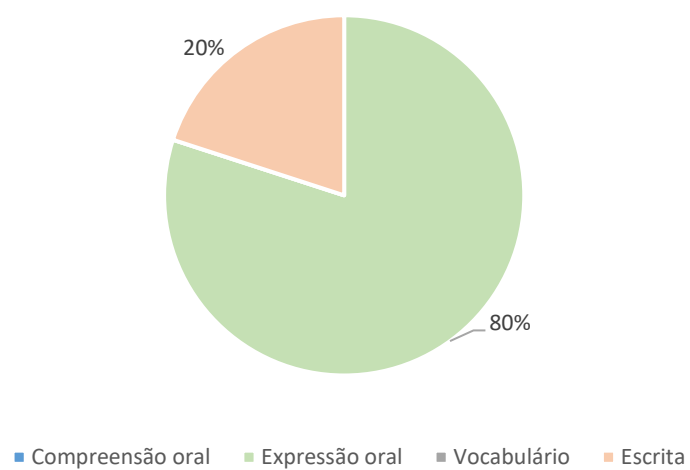


Gráfico 10: A gramática afeta a oralidade?

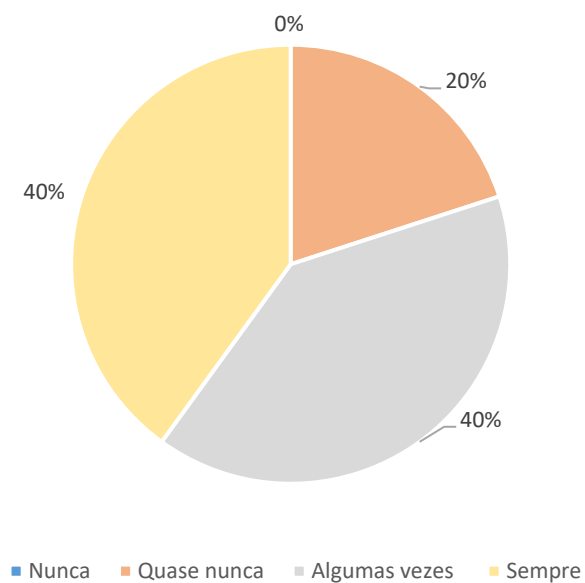


Gráfico 11: Métodos pedagógicos usados para ensinar a gramática portuguesa

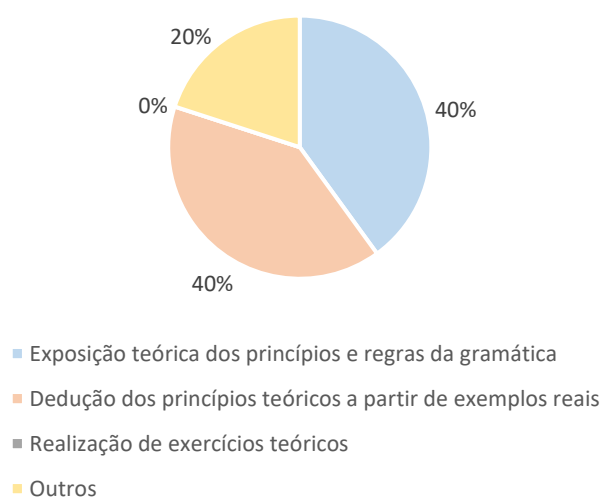


Gráfico 12: Método que tem cativado mais os estudantes

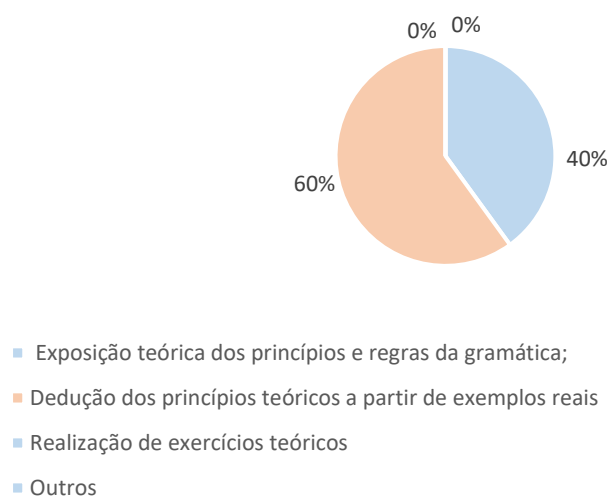


Gráfico 13: Métodos de ensino de gramática

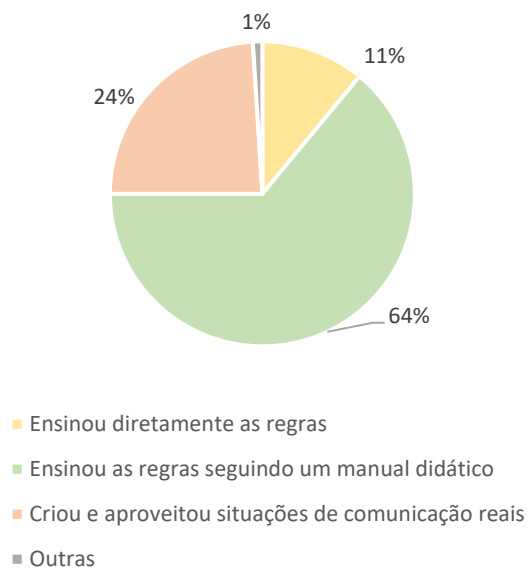


Gráfico 14: Considera que os métodos foram/são atrativos?

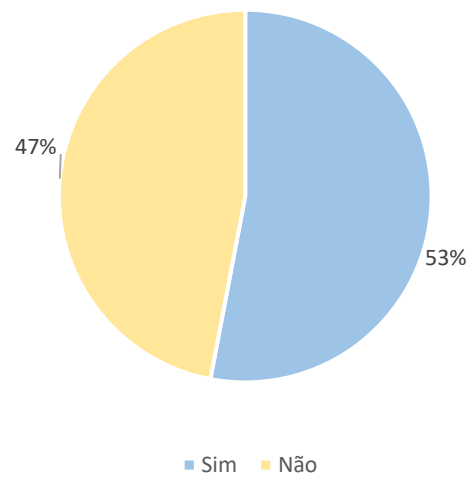


Gráfico 15: Usa/usou o manual "Português para Ensino Universitário"?

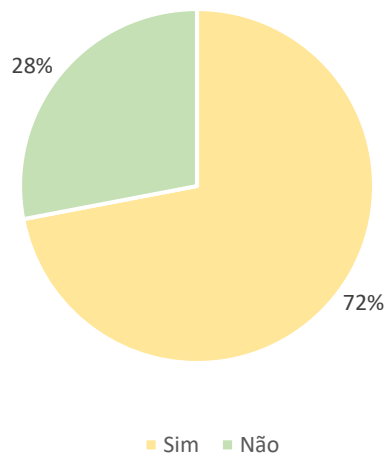


Gráfico 16: Conteúdos que são ensinados primeiro

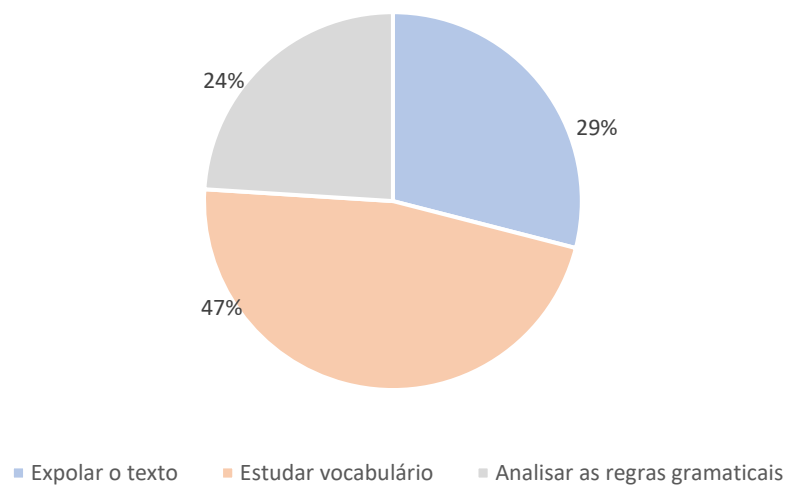


Gráfico 17: Ensinou com o manual PEU?

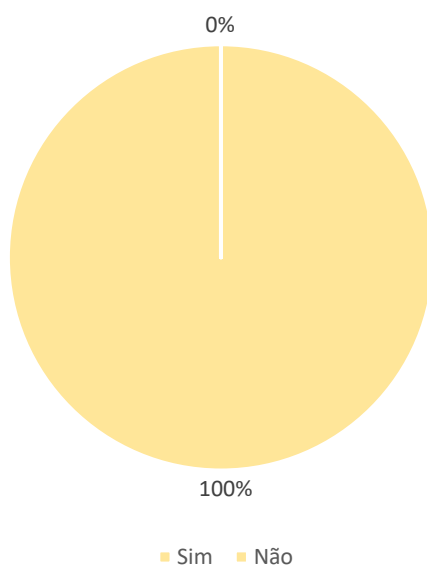


Gráfico 18 - Conteúdo que é abordado primeiro em cada unidade pedagógica

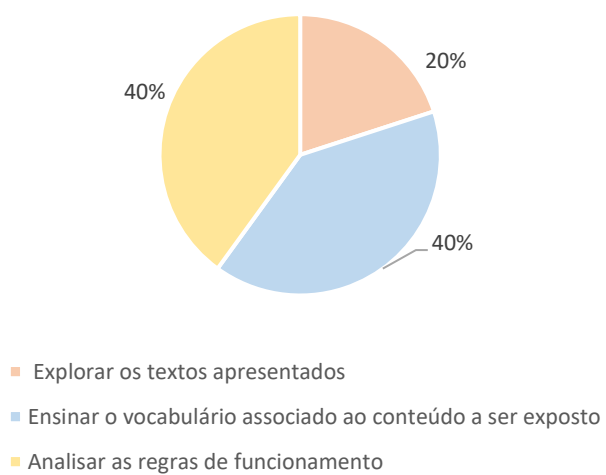
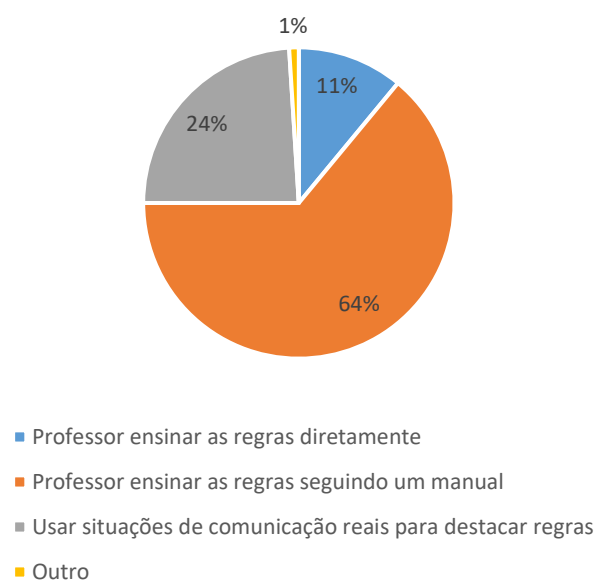


Gráfico 19: De que método de ensino de gramática gosta mais?



Anexo 2- Imagens do livro didático PEU

9 单词的连读 (ligação de palavras)

葡萄牙语中，当前面一个单词是以辅音字母 -s结尾的、而后面一个单词又是以元音字母开头的，而且，两个单词之间在语气上又没有停顿的时候，习惯上总是将两个单词连读。连读后，第一个单词结尾处的s要发[z]音。如：

os amigos [uzamiguʃ]

bons alunos [bõzalunuʃ]

as aulas [azawlaʃ]

ambos os amigos [ãbuzuzamiguʃ]

Imagem 1: Página 50 do PEU (Unidade 4, Secção da gramática)



Imagem 2: Capa do Manual Didático PEU

Unidade 1	Bom dia. Como te chamas?	
	早上好! 你叫什么名字?	1
	课文 Texto	2
	语音 Fonética	3
	1. 元音和辅音 (vogais e consoantes)	
	2. 重音符号 (acentos)	
	3. 元音字母a、e(1)、i、o(1)、u	
	4. 辅音字母m、n、d、t	
	5. 字母组合 (dígrafos) ch、nh	
	语法 Gramática	7
	1. 主格人称代词 (pronomes pessoais rectos)	
	2. 动词 (verbo)	
	3. 不规则动词ser的陈述式现在时变位 (conjugação no presente do indicativo do verbo irregular "ser")	
	4. 主语的省略 (omissão do sujeito)	
	5. 连接词 (conjunção): e	
	6. 肯定回答与否定回答 (resposta afirmativa e resposta negativa)	
	7. 葡萄牙语的语调 (entoação do português)	
	练习 Exercícios	11
Unidade 2	Olá! Estás bom?	
	嘿! 你好吗?	15
	课文 Texto	16
	语音 Fonética	18
	1. 元音字母e(2)、o(2)	
	2. 鼻元音 [ã]、[ɛ]、[ɪ]、[õ]、[ũ]	
	3. 辅音字母 b、p、f、v、l、s(1)、c、g(1)	
	4. 重读规则 (regras de acentuação das sílabas) (1)	
	5. 分音节规则 (regras da divisão silábica) (1)	

Imagem 3: A primeira página do Índice do manual PEU, Vol.I

	语法 Gramática	23
	1. 不规则动词estar的陈述式现在时变位 (conjugação no presente do indicativo do verbo irregular "estar")	
	2. 名词的性 (género do substantivo)	
	3. 形容词的性 (género do adjectivo) (1)	
	4. 定冠词的用法 (uso do artigo definido) (1)	
	5. 葡萄牙语中的问候、打招呼 (formas de cumprimentar no português)	
	6. 葡萄牙语的人名 (nomes portugueses)	
	练习 Exercícios	25
Unidade 3	Quem é ele?	
	他是谁?	30
	课文 Texto	31
	语音 Fonética	34
	1. 半元音 (semivogal)	
	2. 二重元音 (ditongo)	
	3. 渐弱口二重元音 [aj]、[aw]、[αj]、[ew]	
	4. ou的发音	
	5. 渐弱鼻二重元音 [ãw]、[ãj]、[õj]、[ũj]	
	6. 辅音字母 j、ç、s (2)	
	7. 字母组合gu (1)、qu (1)	
	8. 重读规则 (regras de acentuação das sílabas) (2)	
	9. 元音分立 (hiato) (1)	
	10. 分音节规则 (regras da divisão silábica) (2)	
	语法 Gramática	38
	1. 名词的变性 (flexão do género do substantivo)	
	2. 名词的数 (número do substantivo) (1)	
	3. 物主代词 (pronomes possessivos)	
	4. 定冠词的用法 (uso do artigo definido) (2)	
	5. 现在进行时 (presente progressivo do indicativo)	
	6. é que 的用法 (uso de "é que")	
	7. 前置词 (preposições): de、em	
	练习 Exercícios	42

Imagem 4: A segunda página do Índice do manual PEU, Vol.I

8 重读规则 (regras de acentuação das sílabas) (2)

- 1) 以元音字母i、u (包括ai、ei、ui、au、eu、iu、ou等二重元音) 结尾的单词, 重音落在倒数第一个音节上。

ali Landu mandai falei atribui
Macau europeu saiu estou falou

- 2) 以辅音字母m结尾的单词, 分两种情况:

- (1) 以am、em结尾的单词, 重音落在倒数第二个音节上。如:

chamam falam homem calem

- (2) 以im、om、um结尾的单词, 重音落在倒数第一个音节上。如:

pudim Pequim bombom algum nenhum

- 3) 如果一个单词除了鼻音符号以外还带有其他的重音符号, 那么, 单词的重音落在带其他重音符号的音节上。如:

órgão órfão bênção

9 元音分立 (hiato)(1)

当两个元音字母相邻但又不属于同一个音节时就形成元音分立。它与二重元音的区别在于: 二重元音是由一个元音和一个半元音构成的, 它们同属一个音节, 不能被分开; 而形成元音分立的两个音素都是元音, 它们分别属于两个音节。请比较:

元音分立	二重元音
país (pa-ís) 两个音节	pais (pais) 一个音节
tua (tu-a) 两个音节	pau (pau) 一个音节

形成元音分立的情况比较复杂, 这里先看几种:

- 1) 元音字母a、e、o相邻或是其中的一个重叠出现在同一个单词里时, 前后必然形成元音分立:

ae: aeroporto (a-e-ro-por-to) aeronave (a-e-ro-na-ve)
ea: Beatriz (Be-a-triz) Leandro (Le-an-dro)
ee: veemente (ve-e-men-te) vêem (vê-em)
eo: óleo (ó-le-o) gêmeo (gé-me-o)
oa: boa (bo-a) Joana (Jo-a-na)

Imagem 5 – Conteúdos de Fonética, página 37 do manual PEU (unidade 3, secção da

3 物主代词 (pronomes possessivos)

1) 形式

物主代词表明所属关系。葡萄牙语中的物主代词与主格人称代词的对应关系如下:

物主代词与主格人称代词的对应表

主格人称代词	物主代词		含义	主格人称代词	物主代词		含义
	阳性	阴性			阳性	阴性	
eu	meu	minha	我的	nós	nosso	nossa	我们的
tu	teu	tua	你的	vocês vós	vosso	vossa	你们的
você	seu	sua	你的; 您的				
ele	dele		他的	eles	deles		他们的
ela	dela		她的	elas	delas		她们的

2) 用法

- (1) 第一、第二人称的物主代词是形容词性的, 它要随着所修饰名词的阴阳性、单复数的变化而变化。它一般出现在所修饰名词之前, 前面要加定冠词。如:

o meu amigo 我的朋友 os meus amigos 我的朋友们
a sua amiga 您的朋友 as suas amigas 您的朋友们

- (2) 第三人称的物主代词书写形式是固定不变的, 它不随所修饰名词的阴阳性、单复数的变化而变化, 而且, 总是出现在名词的后面。如:

o amigo dele 他的朋友 os amigos dele 他的朋友们
o amigo deles 他们的朋友 os amigos deles 他们的朋友们
a amiga dele 他的女性朋友 as amigas dele 他的女性朋友们
a amiga deles 他们的女性朋友 as amigas deles 他们的女性朋友们

- (3) seu / sua, seus / suas也可以表示“他(她、它)的、他(她、它)们的”。如:

o Nuno e o seu amigo 努诺和他的朋友
a Ana e a sua colega 安娜和她的同学

但是, 由于seu / sua, seus / suas同时也可以表示“你的、您的”, 因此, 有时会混淆。为了避免这种情况的发生, 只有当上下文或说话双方都很清楚的情况下, “他(她、它)的、他(她、它)们的”才可以用seu / sua, seus / suas来表示; 否则, 还是用dele / dela, deles / delas。

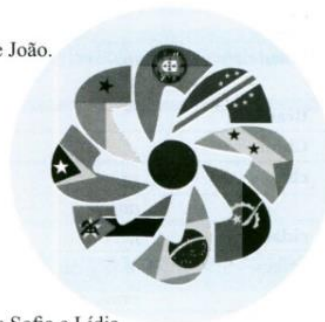
另外, 实际上, dele / dela, deles / delas是由前置词de与ele / ela, eles / elas连写而来的。即:

de + ele = dele de + ela = dela

课文 Texto

I

- Quem é ele?
— Ele é o nosso professor de português, chama-se João.
— É português?
— Sim, é.
— É de Lisboa?
— Não, é do Porto.



II

- Como se chamam eles?
— O moço chama-se Jorge e as moças chamam-se Sofia e Lúcia.
— De que país são?
— São do Brasil.
— De que cidade?
— O Jorge é de Brasília, a Sofia é de São Paulo e a Lúcia é do Rio de Janeiro.
— E o que é que estão a fazer na China?
— Estão a estudar chinês na nossa Universidade.

III

— Eu sou o Landu e ele é o Adelino.
Somos angolanos e somos de
Luanda.



— Elas são a Mónica e a Helena. São
nossas colegas e são moçambicanas.
São de Maputo.



Wang Gang

— Eu sou amigo deles. Sou chinês e sou estudante
de português. Estou a estudar português na
Universidade de Línguas Estrangeiras.

Imagem 7 – O texto da Unidade 3 do manual PEU, página 31

2 陈述式简单过去完成时 (pretérito perfeito simples do indicativo)

1) 变位

去掉原形动词的词尾，分别加上如下新的词尾：

动词类别 人称	第一变位 (-ar)	第二变位 (-er)	第三变位 (-ir)	第四变位 (-or)
eu	- ei	- i	- i	- us
tu	- aste	- este	- iste	- useste
ele ela você	- ou	- eu	- iu	- ôs
nós	- ámos	- emos	- imos	- usemos
vós	- astes	- estes	- istes	- usestes
eles elas vocês	- aram	- eram	- íram	- useram

如：

动词 人称	estudar	beber	abrir	pôr
eu	estudei	bebi	abri	pus
tu	estudaste	bebeste	abriste	puseste
ele ela você	estudou	bebeu	abriu	pôs
nós	estudámos	bebemos	abrimos	pusemos
vós	estudastes	bebestes	abristes	pusestes
eles elas vocês	estudaram	beberam	abriram	puseram

Imagem 8 – Conteúdo Gramatical do PEU, página 205

3 渐弱口二重元音 [aj]、[aw]、[ɔj]、[ew]

葡萄牙语中渐弱口二重元音及其相对应的字母如下：

发音	[aj]	[aw]	[ɔj]	[ew]	[ɛj]	[ɛw]	[oj]	[ɔj]	[uj]	[iw]	[o]
字母	ai	au	ei	eu	éi	éu	oi	ói	ui	iu	ou

这里先看[aj]、[aw]、[ɔj]、[ew]的发音。

[aj] 

发音时，先发开音的[a]，然后向半元音[j]滑动。[a]音发得重而完整，[j]音发得轻而短促。

当元音字母a和i同处一个音节时发此音。请跟读：

ai pai sai mais Xangai

[aw] 

发音时，先发开音的[a]，然后向半元音[w]滑动，嘴型逐渐收圆。[a]音发得重而完整，[w]音发得轻而短促。

当元音字母a和u同处一个音节时发此音。请跟读：

pau aula Paulo Macau saudade

A

B

Imagem 10- Conteúdo de Fonética da unidade 3 do PEU, página 34

Mário:

realmente muito estudioso! Preciso de aprender contigo!

Lin Xiao: Não estejas^① aí a gozar comigo!

E tu, o que é que fizeste?

Mário: Diverti-me. Passei todo o fim-de-semana com a minha namorada.

No sábado, fomos à praia de Carcavelos¹ e ficámos lá o dia todo. Estás a ver, estou mesmo bronzado.



Praia de Carcavelos

1. Carcavelos 位于大西洋海边，距离里斯本城不远，是葡萄牙主要的海滩之一，也是里斯本人体闲度假的重要去处。

Imagem 9- Página 199 do PEU (Unidade 12, secção Conversação)

Anexo 3

Questionário para Alunos

Este questionário foi desenvolvido para alunos que tenham estudado ou estejam a estudar português como língua estrangeira, a fim de investigar o conhecimento, a aprendizagem e o domínio das regras gramaticais portuguesas e analisar a função da gramática na prática da oralidade. Também se pretende perceber como os estudantes adquirem esta gramática na sala de aula e que métodos de ensino gramatical são preferidos pelos estudantes, a fim de auxiliar os professores de língua portuguesa na promoção e no desenvolvimento e progresso das atividades de ensino.

1. Considera que sabe falar bem português?

- Numa escala de 1 a 5, em que 1 é falar com dificuldade e 5 é falar muito bem a língua portuguesa, como classificaria o seu domínio da língua? Indique um valor de 1 a 5_____

2. Aprendeu português: (Sublinhe a opção correta)

- numa instituição formal (escola)
- contacto com outros falantes de língua portuguesa
- com a comunicação social
- de outra forma _____

3. Há quantos anos aprendeu/está a aprender a língua portuguesa?
(Selecione a opção correta)

- Um ano
- Dois anos

- Três anos
- Quatro anos ou mais

3.1 Se frequentou/frequenta uma instituição de ensino, indique o nome

4. Sabe o que é a gramática de uma língua? (Sublinhe a opção correta)

- Sim
- Não
- Talvez

**5. Acha que domina as regras da gramática da língua portuguesa?
(Sublinhe a opção correta)**

- Sim
- Não
- Talvez

**6. No seu ponto de vista, outras pessoas podem compreender bem quando
fala português sem respeitar as construções da gramática? (Sublinhe a opção
correta)**

- Sempre
- Na maioria das vezes
- Algumas Vezes
- Poucas Vezes
- Nunca

7. Acha que conhecer a gramática da língua portuguesa é importante na oralidade? (Sublinhe a opção correta)

- Muito importante
- Pouco importante
- Nada Importante

8. Se frequentou/frequenta uma instituição de ensino, o professor usou/usa o livro “Português para Ensino Universitário” (PEU) de Ye Zhiliang como manual didático? (Sublinhe a opção correta)

- Sim
- Não

8.1 Se sim, o professor começou/tem começado a consideração de cada unidade pedagógica do PEU por... (sublinhe a opção correta)

- explorar os textos
- estudar o vocabulário
- analisar as regras de funcionamento da língua

9. Se frequentou/frequenta uma instituição de ensino, quais foram/são os métodos usados no ensino da gramática? (Sublinhe a opção correta)

- Professor ensinou diretamente as regras
- Professor ensinou as regras seguindo um manual didático.
- Professor criou e aproveitou situações de comunicação reais para destacar o funcionamento da língua.
- Outro: _____

9.1 Para si como aluno, que métodos de ensino têm sido mais eficientes

para aprender as regras de funcionamento da língua? (Sublinhe a opção correta)

- Professor ensinar diretamente as regras
- Professor ensinar as regras seguindo um manual didático.
- Professor criar e aproveitar situações de comunicação reais para destacar o funcionamento da língua.
- Outro: _____

9.2 Nessa sua experiência como aluno de língua portuguesa, considera que a forma como a gramática da língua foi/tem sido ensinada é “atrativa/cativante/estimulante”? (Sublinhe a opção correta)

- Sim
- Não

Anexo 4

Questionário para Professores de Língua Portuguesa como Língua Estrangeira

O presente questionário é realizado no âmbito da elaboração da Dissertação do Mestrado “Português como Língua Estrangeira ou Segunda”, da Universidade Nova de Lisboa. Ele visa conhecer e analisar os métodos pedagógicos que estão a ser aplicados na promoção da aprendizagem da “Gramática” no ensino da língua portuguesa como língua estrangeira para, sem colocar em causa o profissionalismo e o empenho dos respondentes, perceber como se pode aperfeiçoar o ensino desta disciplina específica da língua.

1. Há quantos anos ensina português?

2. De acordo com a sua experiência profissional, qual é a competência mais difícil de desenvolver para a maioria dos estudantes de língua portuguesa como língua estrangeira? (Sublinhe a opção que considera correta)

- Compreensão do Oral

- Expressão do Oral
- Aquisição de vocabulário
- Escrita

3. Que importância o domínio das competências orais assume na aprendizagem de uma língua estrangeira/segunda? (Sublinhe a opção que considera apropriada)

- Nenhuma
- Pouca
- Alguma
- Muita

4. Na sua opinião, o conhecimento da gramática afeta o domínio da oralidade.... (Sublinhe a opção que considera correta)

- Nunca
- Quase nunca
- Algumas vezes
- Sempre

5. Que métodos pedagógicos usa para ensinar a gramática da língua portuguesa? (Pode selecionar mais de uma opção).

- Exposição teórica dos princípios e regras da gramática;
- Dedução dos princípios teóricos a partir de exemplos reais e atividades práticas desenvolvidas para o efeito (como situações de comunicação oral, leitura);
- Realização de exercícios teóricos para aplicação dos conhecimentos adquiridos
- Outros: _____

6. Tem usado o livro “Português para Ensino Universitário” de Ye Zhiliang como manual didático? (Sublinhe a opção correta)

- Sim
- Não

6.1 Se sim, começa a consideração de cada unidade pedagógica por... (Sublinhe a opção correta)

- Explorar os textos apresentados
- Ensinar o vocabulário associado ao conteúdo a ser exposto
- Analisar as regras de funcionamento da língua apresentadas na unidade

7. Na sua experiência, que método tem cativado mais a atenção dos estudantes, resultando numa aprendizagem mais eficiente da gramática portuguesa?

- Exposição teórica dos princípios e regras da gramática;
- Extração dos princípios teóricos a partir de exemplos reais e atividades práticas desenvolvidas para o efeito (como situações de comunicação oral, leitura);
- Realização de exercícios teóricos para aplicação dos conhecimentos adquiridos
- Outros:

Anexo 5

Entrevista a uma docente de PLE

1. Há quantos anos ensina a língua portuguesa?

Resposta: 6 anos.

2. No ensino de PLE, gosta mais de usar manuais em chinês ou em Português?

Resposta: Gosto mais do manual em Português. Assim os alunos vão entrar num pequeno mundo de português. Mas, para os alunos de Português como língua estrangeira, o manual em chinês é mais fácil e conveniente, podem compreender melhor.

3. Utilizou o manual “Português para Ensino Universitário”?

Resposta: sim.

4. Nas suas aulas, segue a planificação proposta no manual, ensinando primeiro o vocabulário e os textos e depois as regras de gramática?

Resposta: Para mim, no início tentei ensinar primeiro as palavras e o texto e depois as regras gramaticais, mas descobri que isto era mais difícil para os estudantes. Como eu

estava a ensinar estudantes que eram novos em português, eles não tinham qualquer conhecimento da língua no início do curso, por isso a sua pronúncia e leitura em voz alta eram muito más quando encontravam textos e palavras. No entanto, quando escolhi ensinar primeiro as regras gramaticais e depois os textos e as palavras, os estudantes ficaram significativamente mais motivados. Já sabiam pronunciar e ler em voz alta o texto e vocabulário, ao mesmo tempo podiam compreender algumas regras gramaticais incluídas nas frases do texto. Assim eles podiam praticar e consolidar os seus conhecimentos gramaticais através do texto e vocabulários, o que era muito mais interessante e acessível aos estudantes.

5. Para ensinar gramática de modo eficaz e interessante, é suficiente usar apenas o conteúdo do manual?

Resposta: Isso não é suficiente. Os conhecimentos gramaticais do manual didático, os exercícios e o texto são todos conhecimentos teóricos, mas o conhecimento da língua só pode ser adquirido de forma mais firme através da aplicação e da prática.

6. Que atividades ou situações cria para ajudar os alunos a adquirir o domínio prático da gramática?

Resposta: Para aprender as regras gramaticais, gosto geralmente de mostrar alguns clips de filmes e deixar os alunos verem as legendas e depois analisar o diálogo e as regras gramaticais nelas utilizadas. Organizo frequentemente passeios a parques, supermercados e centros comerciais, onde não lhes permito falar chinês, para que possam comunicar uns com os outros em português, descrevendo as pessoas ou objetos que encontram. Para os tornar mais dispostos a comunicar, convido os meus amigos brasileiros ou portugueses, falantes nativos de língua portuguesa, a juntarem-se a mim, para que tenham de usar o português para comunicar com os meus amigos.

